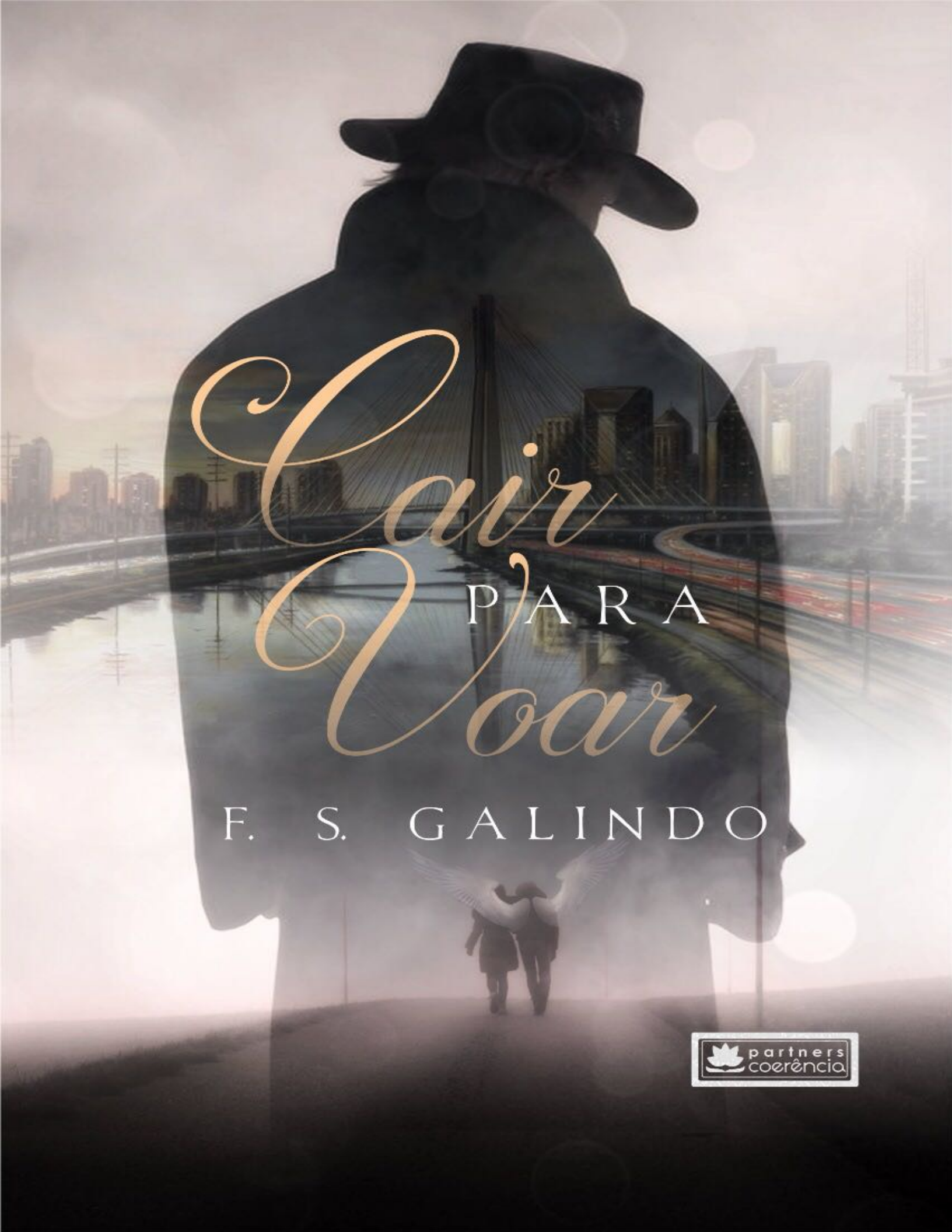




Leir PARA *Doar*

F. S. GALINDO





Copyright© By Editora Coerência 2018

CAIR PARA VOAR ©
F. S. GALINDO

1ª Edição — Editora Coerência — Brasil
Todos os direitos reservados pela Editora Coerência

Produção Editorial

Diretora Editorial: LILIAN VACCARO

Revisão: ARIANE ELEUTÉRIO

Capa: DÉCIO GOMES

Diagramação: CINTIA RODRIGUES

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

Galindo, F.S.;

Cair para voar - 1ª edição — São Paulo — Editora Coerência 2018

ISBN: 978-85-5327-051-4

1. Literatura Nacional 2. Romance. Título

CDD. 869-3

Editora Coerência

Rua Pinhancó, 12A

Parque São Rafael — SP — Cep . 08320-350

Site: www.editoracoerencia.com.br

E-mail: lilian@editoracoerencia.com.br

Tel.: (11)2011-3113

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cair
PARA
Voar
F. S. GALINDO



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

“Com o tempo, sim, infelizmente, com o tempo você aprende que amar não é se dar por inteiro, mas ser inteiro ou a parte mais significativa de um todo. Porque o tempo, meu amigo, o tempo passa, mas o que você faz enquanto tem ele a seu favor é o que importa. E isto, para ambos os lados.”

F.S. GALINDO.

Agradecimentos

São tantos nomes de pessoas queridas no mundo literário e na minha vida pessoal que seria até imprudente citar alguns e acabar não incluindo tantos outros importantes, que de algum jeito passaram e deixaram suas marcas maravilhosas no meu crescimento como autor.

Trago a todos novamente meu livro “Cair para voar”, que na primeira edição de 2014 foi bem aceito. Desta vez, a trama está muito mais intensa, com capítulos e trechos extras.

Espero que quem leu a primeira versão se emocione muito mais com a segunda. Que os novos leitores desfrutem de um momento especial com a leitura. E que ao final, possam repensar na maneira como estão vivendo.

Agradeço a todos os que me apoiam, que já leram e irão ler novamente, e aos que irão ler pela primeira vez. Vocês são os alicerces para a nossa literatura nacional. Eu me sinto honrado em saber

PERIGOSAS ACHERON

que meu primeiro romance está nas suas prateleiras e nos seus corações.

Eu sempre vou agradecer a uma pessoa mega, ultra, master, blaster, incondicionalmente extraordinária na minha vida, que me mostrou o caminho para o gosto das letras, da criatividade e de que nós podemos ser felizes da nossa maneira, fazendo o que amamos: minha mãe Rosângela. Sem o amor dela em minha vida, eu nada sou.

E claro, especialmente para minha esposa Cecília Galindo, que ao ler a primeira edição, ainda não fazia ideia do quanto sua vida seria importante para mim. e na segunda edição já usa meu sobrenome e dança comigo do jeito que só o amor faz.

Boa leitura!

Cair

Quando se tem tudo o que mais almeja na vida, você se sente livre. Sente-se como se estivesse voando. E era uma delícia aquela sensação.

O vento batia em meu rosto enquanto acelerava pela rodovia. Uma mão acariciava minha nuca e eu olhava para minha esposa com ternura. Seu sorriso era contagioso. Ela aumentava o som e cantava sem parar as músicas de rock e indie rock que sempre curtíamos juntos.

Eu e Jéssica sempre íamos a pubs de rock no centro de São Paulo, com bandas cover mandando um som libertador. Suávamos, dançávamos e bebíamos juntos até altas horas. Sempre contamos um com o outro para tudo.

Começou a tocar Queen — Love of My Life, e o toque inicial já bastou para ela baixar o Freddie Mercury e protagonizar um playback fenomenal, que logo se estendeu para ela cantando muito mais alto do que o cantor.

— *“Love of my life, can’t you see? Bring it back, bring it back. Don’t take it away from me, because you don’t know what it means to me”*¹

— Ele está se remexendo no caixão agora —
brinquei com ela, enquanto sorriamos.

Aquele foi um fim de semana comum.

Tínhamos o costume de, aos fins de semana, pegar estrada para a praia ou alguma cidade do interior para relaxar, ou encher nossa prateleira de vinhos.

O que mais importava era o simples. Eu tinha tudo que mais queria ao meu lado.

Já tinha um ano que a Jéssica tinha parado com os remédios para tentarmos ter um filho. Nosso sonho era constituir uma família após curtirmos o namoro, o casamento, muitas viagens e bebedeiras.

— Toda vez que a gente vai à praia ou ao campo, eu imagino uma criança correndo. — Jéssica me olhava, enquanto eu não tirava a atenção da estrada. — Eu fico pensando em como ela será linda e inteligente.

— Ela?

— Sim. — A olhei com um sorriso de lado.

— Boa parte dos homens gostaria de ter uma menina. Realmente você é uma exceção ao caso, Rodrigo.

— Se a gente considerar que mulher gasta mais do que homem desde bebê, preferiria mesmo um menino. Mas uma copiazinha sua, de cabelos longos e com meus traços, seria linda. Consegue imaginar também?

— Consigo. — Ela olhou para a estrada. — Isabel!

— Então já temos um nome, é isso mesmo?

— Se você aceitar. Eu acho esse nome lindo. Na origem bíblica informa que vem de...

— Dedicada a Deus! O quê? Eu conheço algumas coisas — eu me expliquei, ao notar sua expressão surpresa. — E além do mais, eu sempre curti o nome. Acho forte. Garotos irão pensar duas vezes antes de chegar nela.

— Por causa do nome?

— Não. Por minha causa mesmo. — Ela sorriu, enquanto ouvíamos *She Will Be Loved – Marrom 5*.

— Sei o quanto você é ciumento mesmo, mas além de ser superprotetor, você vai adorar a ideia

PERIGOSAS ACHERON

de ter um genro para tomar uma no final de semana.

— Jogar sinuca e bater nele no futebol de videogame.

— Eu tinha me esquecido o quanto você é competitivo e agora entendo porque quer ter uma menina.

— Não seria justo né?

— Então se prepare, porque assim que chegarmos em casa, você pode colocar o jogo que quiser. Não será páreo para mim. E pode apostar o que quiser também.

— Sério? Não brinque assim com um homem de negócios. Sou bem competitivo viu.

— Eu sei. — Ela ficou me olhando e passou a mão na minha perna. — O que vai ser então, homem de negócios?

— Se eu ganhar, iremos gerar a Isabel no mesmo dia.

— Adoro quando você é bem direto.

— Mas e se eu perder? Você é tão competitiva quanto eu.

— Ah, a gente pode continuar trabalhando nessa ideia. — Apertou minha perna.

Ela aumentou novamente o volume do rádio e cantarolou “*She Will Be Loved*” por várias vezes.

Olhei para as plantações ao lado enquanto a brisa me deixava leve. Fechei os olhos. Uma freada de carro soou forte e um grito se perdeu.

Aquela música do Queen ficou na minha mente enquanto eu abri os olhos e estava na Avenida Paulista, totalmente deserta e acesa em alguns trechos.

No meio da avenida, um corpo estava estirado. A pessoa soluçava. Caminhei até ela. Um cuspe de sangue denunciou que estava agonizando. Seus olhos encontraram os meus:

— Era para ter sido você!

Sentado na esquina, com uma garrafa de um uísque barato nas mãos e uma roupa qualquer toda amassada, observei até todas as pessoas saírem da igreja, cumprimentando o padre e beijando as suas mãos.

Assim que o caminho ficou livre, atravessei e entrei. A igreja era simples, com fileiras de bancos e no meio a passagem até as escadas que levavam ao altar, onde a escultura de madeira de Cristo crucificado comum pendia à mostra.

Observei a imagem de perto, confrontando-a. Meus olhos não eram os mesmos de antes, de uma época feliz. Eles estavam profundos e tristes, e eu não sabia mais definir o dia da noite ou roupas limpas e um banho relaxante. Eu estava perdido no tempo.

Dei as costas para a imagem saindo da igreja, mas, alguns passos depois, congelei. Eu não tinha chegado até ali apenas para olhar e ir embora. Eu não iria fazer a mesma coisa que Ele fez comigo.

— Olhe, veja o que este ser benevolente faz. Ele ajuda os mais necessitados. Ele *te* mostra o caminho para a salvação. Ó Senhor, onipotente.

Eu ironizava com todas as forças que ainda tinha.

— Tem três meses que Você me largou! — Apontei para Ele. — Como pôde abandonar seu filho? Como pôde nos abandonar? Três meses e eu nunca tive um auxílio seu. Isto é um teste? *Me* diga,

abre essa boca e me fale. *ME RESPONDA DROGA!*

Chutei um banco, mas estava tão anestesiado por minha dor que nem senti o meu dedão doer muito. Eu me ajoelhei perante a cruz e abri as mãos.

— Sou um homem tão ruim? Sou alguém que não merece a Sua atenção? Ok, eu não preciso mesmo, mas... e quanto a ela? — Lágrimas escorriam sem eu notar, desciam em um rosto barbudo e logo se perdiam. — Ela acreditava em Você e me fez voltar a ter fé. Mas nem mesmo por ela você apareceu! E a culpa disso é toda minha. Você está feliz? A culpa é minha, seu surdo, agora me leva...

Eu chorava com a cabeça abaixada e o corpo curvado no chão.

— Por que não me leva? Você é tão estúpido que a deixou ir sem lutar, mas e eu? Quantas vezes eu já tomei mil comprimidos e acordei apenas com uma dor de barriga de manhã? Quantas vezes me cortei e não sangrei até a morte? Quantas vezes me joguei no meio de uma avenida movimentada e nenhum carro me pegou? O QUE VOCÊ QUER COMIGO?

Eu gritava, chorava, batia as mãos no peito e as levava para o alto, mas ninguém me ouvia.

— Eu já não sofri o bastante para aprender sobre meu erro? Eu deveria estar lá. Eu deveria não ter feito aquilo ou deixado de fazer aquilo outro. EU SEI. EU SEI QUE ERREI. Você não a deixou viver e não me deixa morrer, mas eu já estou morto por dentro há mais tempo do que imagina.

Peguei a garrafa de uísque que larguei ao meu lado e que vez ou outra tomava uns bons goles e fiz menção de lançá-la, mirando no rosto Dele na cruz, mas uma voz me deteve:

— Por gentileza, senhor?

Eu me virei para o homem atrás de mim. O padre, de aparência jovem e negro, apareceu para me expulsar pelo barulho que fazia.

— Belo jeito de aparecer para mim dessa vez — ironizei, vendo-o todo desconfortável.

— Filho, eu ouvi tudo o que disse. Se importa de eu lhe dizer algumas palavras?

— O que seríamos de nós sem elas, não é mesmo, padre?

Ele se ajoelhou ao meu lado.

— Eu não conheço sua dor, mas todos temos nossas próprias batalhas nessa guerra natural. O que você precisa fazer é enxergar por outra perspectiva. Veja, até mesmo a pessoa mais perdida em um local consegue se encontrar e se olhar diferente.

— Olhando por este lado, o senhor tem razão. Do outro lado da rua, tem alguém que pode me ajudar.

— Isto, meu filho. Já é algo a se considerar. Mas lembre-se de algo muito mais puro e forte do que as minhas palavras ou de qualquer pessoa que *te* faça bem: siga o seu coração.

— Sabe, padre. — Tomei o último gole de uísque e entreguei a garrafa a ele. — Onde Ele está? — Apontei com a cabeça para trás em direção a cruz. — Aqui? Ele se incumbiu de colocar você no meu caminho para tentar trazer o conforto e a luz em suas palavras? Uau, Ele realmente é superpoderoso, mas não está aqui. Você pode gritar, ou somente orar em pensamentos. Ele não *te* ouve. Já se perguntou por que estamos aqui? Por que chamamos de vida, de viver, de livre arbítrio se tudo o que passamos são testes? Depois vamos para

o céu? Tocar harpa e nos deliciar com um vinho antigo enquanto assistimos aos Dez Mandamentos? Padre, pessoas boas se vão depressa. As que merecem viver, constituir família, que são doces e bondosas morrem em seus braços. Enquanto as ruins tiram a vida delas e vivem até morrer de velhice. O que é mais irônico em tudo isso? Não reze para uma imagem, o filho de Deus aí era tão negro quanto o senhor, padre.

Dei dois tapas em seu ombro e me levantei, caminhando para fora da igreja.

— Você tem uma energia muito forte, filho. — A voz do padre ecoou pela igreja até meus ouvidos e eu parei sem olhar para trás. — Não importa como Deus se mostra para nós, mas por sua confissão mais cedo a Ele, você está no caminho da redenção. Irá se reencontrar e então terá que tomar a decisão mais difícil da sua vida.

— Eu já fiz padre. E foi a mais errada de todas. Minha redenção me aguarda do outro lado da rua, quando eu encontrar o meu amigo mais forte de todos, Jack Daniel's.

— Senhor, acompanhe este bom homem...

Acordei e reconheci o lugar. Mesa de bar. Minha barba por fazer. Eu sempre quis voar, mas o que me restava era cair em doses e mais doses.

O bar não estava movimentado como de costume. No Jukebox tocava Nickelback — Fly, o que naquele momento representava minha vida ao lado do meu parceiro Jack Daniel's.

“Brother, tell me somethin’
If I take this, am I going to die?
And he says no, so then I figure what the hell
I’ll try cause it’s my life
So light the match and you and I will...

Fly... learn to
Fly... learn to
Fly... learn to
Fly...”²

— *Mais uma, garçom!* — Peguei a garrafa da sua mão, quando ele me disse que não me serviria mais. Claro que foi merecidíssimo um xingamento, eu estava pagando! Então deixei uma nota alta no balcão e cuspi no chão. Saí do bar em ziguezague.

É por cada motivo tonto que enchemos a cara, principalmente para fugirmos dessa dura realidade, que mal vemos o quanto nós nos tornamos cruéis.

Sentei em um rodapé na esquina atrás do bar. Não sei se era a quantidade exorbitante de álcool no sangue que subiu para a cabeça ou se era a luz do poste que não parava de piscar, mas fiquei tão nervoso a ponto de lançar minha garrafa, mirando-a na lâmpada do poste. Óbvio que errei. Quando a garrafa estourou em centenas de partículas cortantes, ouvi um gemido.

Fixei meus olhos em qualquer canto que pudesse ver algo diferente além da escuridão do local e a luz natalina do poste. Outro gemido e aquela voz rasgando o vento falou comigo. Um ar gélido de súbito me despertou e a luz parou de piscar, mantendo-se acesa. Estava muito bêbado e minha mente, com certeza, pregava uma peça desconfortante em mim, mas o que eu tinha a perder afinal de contas?

— Boa noite, homem devasso!

Era uma maneira um tanto quanto estranha de me chamar, admito. Vi roupas brancas dos pés à

cabeça. Claro que minha mente pregava peças naquela madrugada beirando as duas horas. Entrei no jogo daquele ser estranho.

— O diabo veste Prada! — Ele sorriu e eu não sabia se sentia medo ou se sorria junto e o chamava para beber comigo, mas tinha acabado de quebrar minha garrafa, provavelmente nele.

Em flashes, ele veio caminhando até mim.

— Você está perdido, homem devoto?

— Devoto à cachaça e perdido na vida — completei.

— Vai se perder mais ainda, homem vasto.

— Não quero me encontrar!

— Besteira! — Ele se abaixou até ficar cara a cara comigo e continuou: — Todos precisam se encontrar. Você está perdido por causa de uma pessoa, que o remete a uma palavra de quatro letras, tão pequena, porém intensa: AMOR.

— Você brinca com as palavras — respondi a ele em meio aos soluços. — Não deve saber o que é o amor!

— Aaaah, eu sei. E cooomo sei. — Era como se ele cantarolasse desafinadamente toda vez que
PERIGOSAS ACHERON

pronunciava algo.

— O que aconteceu com o seu rosto? — indaguei, enquanto minha visão ficava mais nítida e podia observar uma face com queimaduras, um sorriso torto e olhos fundos. Certamente o álcool estava me ferrando.

— O amor! — disse ele, com uma expressão de repulsa. — Contagiante, não? Ele mata mais do que qualquer doença existente. Qual a cura? Qual o diagnóstico? Conceito? Você consegue sentir, homem crédulo? Consegue sentir todo esse poder?

— Senti e já estive com ele! — Fiquei contemplando meus seis pares de sapatos enquanto tentava me concentrar até virarem um par.

— Ah, e agora quer arrancar de você, mas como fazer? Beber? Ficar de ressaca? Ah, tedioso. Podíamos beber e nunca ficar de ressaca. Seria ótimo. Faça o que realmente dará certo. Solte suas amarras. Qual seu maior sonho? Conte-me sua maior vontade e deixe-me ajudá-lo.

— Ajudar? — Eu o olhei e constatei que ele já estava em uma situação ruim, como poderia me ajudar então? — A uma hora dessas, uma pessoa

um tanto quanto peculiar me aparece e me oferece ajuda. A que custo? O que você quer de mim?

— Diga-me o que mais deseja. Abra os porões da sua mente. Todo mundo busca por algo. Todo mundo deseja algo, ou o que não pode ter, ou o que já teve, mas não soube cuidar. Homem de fé, eu só quero de você a verdade. A sua verdade. O seu desejo mais profundo.

Eu pulei. Não me lembro da altura exata nem de como tinha chegado até o topo. O vento era mais gélido do que a voz há minutos. Tentava me agarrar a algo em vão. Abri meus olhos. Todos os momentos passaram como um turbilhão de imagens ao mesmo tempo.

Os sorrisos. As festas. Os abraços. Os beijos. Os *amassos*. A alegria. Um choro. Uma vela. Um pedido. Um amor. Uma história de duas pessoas destruída pelo tempo. Um parque. O sol. A chuva. A brincadeira. A sinceridade. O olhar. As palavras. O afeto. O eterno. Um túnel. A luz se aproximando... e me cegando.

Eu não via um final. Não havia um chão escuro esperando para que me estraçalhasse em pedras,

para que tivesse o fim que eu desejava. Para que eu voasse de encontro à paz que me aguardava acima das nuvens. Eu somente caia e somente uma luz forte me esperava. Na verdade, eu estava indo de encontro a ela, mas sentia a paz que diziam.

Tapei os olhos. Aguardei. Os abri novamente. E então mais imagens vieram. Um orvalho. A primavera. A natureza. O mar. Ela. Um olhar para mim. Desejei correr. Estendi o braço. Um sorriso. Um vestido branco ao relento. A paz. O recomeço. Consegui tocá-la. Sorri de volta. Então essa era a sensação.

Trim-trim! Algo me afastou. Eu a vi mais longe. Mantinha o sorriso. Seus lábios declamaram três palavras. Sua expressão não era mais alegre e amorosa. Ela me denunciava. Depois, chorava. Trim-trim! Natureza. Verão. Sorrisos. Amor. Primavera. Corrida... trim-trim!

Olhos fechados. O vento no rosto. Eu iria alçar voo ou ainda continuaria caindo? Não sabia ao certo!

— Meu desejo mais profundo é voar! — Eu disse com os braços esticados.

— Que seja concebido então, homem verdadeiro. Que o voo lhe traga o que almeja após uma queda densa!

Uma cama. Um sorriso. Olhos fechados. Meus lábios declamavam as mesmas três palavras. O sol nascia. Em paz. Nós nos perdemos, para nos encontrar, foi o que o homem disse ao vender a ideia de me deixar lançar do topo de algum prédio que não me lembro qual era.

Uma voz ecoou longe: *“Nunca desista de procurar e se achar, segure livremente. O que é verdadeiro não é o eterno enquanto dura, é o eterno que você luta para que nunca morra!”*

1 “Amor da minha vida, você não pode ver? / Traga de volta, traga de volta, não tire isso de mim / Porque você não sabe o que isso significa para mim”

2 “Irmão, me diga uma coisa / Se eu pegar isso, irei morrer? / E ele diz que não, então eu pensei “que diabos” / Eu tentarei porque isso é minha vida /Então acenda o fósforo e você e eu vamos... / Voar... aprender a / Voar... aprender a / Voar... aprender a / Voar...”

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Despertar

Tentei processar aquelas informações anteriores, que meu cérebro deixou em estilhaços quando abri os olhos e vi que estava deitado em uma cama com um sorriso lindo à minha frente. Só me lembrava de ter respondido a ela:

— Também amo você!

O sol nascia e eu estava ali com ela, mas como? Aquele homem, todo cheio de si, com palavras bonitas e um aspecto horripilante naquele traje branco... O que ele poderia ter feito? Eu só sabia que estava ali em nossa cama novamente com ela. De súbito, um medo me levou à cólera de abraçá-la e beijá-la por várias vezes.

Ela sorria em um misto de alegria espontânea e franzir de testa, não entendendo bulhufas do meu comportamento matinal.

— Que bicho *te* mordeu, amor? — ela perguntou, entre um sorriso e a expressão intrigada.

Parei e olhei para ela. Será que sabia de algo? Na verdade, o que eu sabia mesmo?

— Só quero você mais um pouco nesta cama comigo!

Ela sorriu e nos atracamos em beijos, rolando pela cama entre os risos gostosos dela e o cheiro agradável do nosso quarto.

— Mas você tem aquela reunião importantíssima hoje, lembra? Não pode perder! — Naquele momento eu parei. — Falou dessa reunião a semana toda, enquanto se trancava no escritório!

Minha boca entreaberta resultava em uma expressão realmente fascinada. Já tinham passado três meses dessa reunião, em que fiquei no escritório por horas e horas, dias e dias. Olhei para o despertador ao lado da cama. Como isso era possível?

— O relógio está errado! — Ela sorriu.

— Claro que não, amor. Hoje é dia 25!

A ficha caiu. Eu não sabia se corria para algum canto qualquer ou se ficava na cama mesmo, remoendo os pensamentos que me devoravam. À princípio eu não quis acreditar no que estava nítido

e estampando. Era como se fosse um sonho. Para ter mais certeza de que não estava delirando, pisquei forte por várias vezes e me belisquei.

— Não tem reunião nenhuma hoje! Só quero ficar com você!

Ela ficou indecisa por um momento, mas seus olhos azuis cor do mar brilharam de felicidade e, mais uma vez, rolamos pela cama.

Levantar

A questão era simples. Eu tinha voltado no tempo. Não sabia como e nem o porquê, mas eu estava ali, ao lado da minha esposa, três meses antes de estar bêbado nos fundos de um bar.

Nós nos amamos naquela manhã, tomamos um café demorado entre muitos olhares e provocações, coisas típicas de um casal comum e apaixonado.

Fui levá-la ao trabalho. Ela toda arrumada em um traje social, e eu de jeans e camiseta, o mais simples possível. Ela ficou me chamando de louco a cada segundo, pois eu devia ir ao trabalho, mas eu apenas repetia: *Louco de amor por você!*

Um beijo ardente, daqueles que se dá quando você deseja tanto uma pessoa que quando vão ficar pela primeira vez parece que estão se engolindo, marcou nossa despedida. Ela mordeu os lábios de excitação e eu fiz o mesmo em ponto de ebulição.

— Amo você!

Ela parou por um segundo, com a porta entreaberta e me olhou de lado.

— O que aconteceu com você esta manhã, Rodrigo?

— Nada. — Dei de ombros com as mãos no volante. — Só quero ser para você o que já fui um dia e até mais! Isto é tão ruim a ponto de me perguntar a cada meia hora?

— Óbvio que não é ruim, é maravilhoso.

Ela voltou e me beijou como em resposta às minhas palavras, saiu do carro me desejando um bom dia de vagabundagem, enquanto sorria. Sorri de volta enquanto a via toda linda, em cima de um salto, andar para longe.

Liguei o som do carro e meu pen drive logo de cara iniciou uma música que me remeteu a memória o show do Green Day em São Paulo que fui com a Jéssica.

O vocalista Billie Joe começou a dedilhar no violão a canção Good Riddance (Time Of Your Life) e me levou a nostalgia, perdendo-me naquela letra de forte impacto naquele momento:

“Another turning point

A fork stuck in the road
Time grabs you by the wrist
Directs you where to go
So make the best of this test
And don't ask why
It's not a question
But a lesson learned in time
It's something unpredictable
But in the end it's right

I hope you had the time of your life”³

— *Linda, não?*

Uma voz de súbito me fez pular e bater a cabeça no teto do carro. Meu coração saltitou para a boca quando olhei pelo retrovisor e vi aquele rosto, o que menos e que mais queria no momento. Até mesmo suas roupas eram iguais as quais me lembrava.

— Você! — Virei praticamente todo o meu corpo para ele, mas em vez de estar sentado no banco de trás, ele estava no banco do passageiro. — Puta que pariu!

— Sim, sou eu, mas este não é o meu nome, Rodrigo. Tenha modos. — Ele se ajeitou no banco.

— Essas canções de vocês são realmente incríveis. Demonstram tanta emoção, que podiam fazer mais do que falar, entende? Não é tão difícil quanto acham. Vocês podem tudo, mas só agem quando o perigo se espreita.

— Mas o que é isso? Você é algum tipo de assombração? — indaguei exasperado!

— A gente olha uma pessoa tão linda, tão cheia de sonhos — dizia ele, enquanto apreciava minha amada Jéssica caminhando para dentro do edifício onde ficava o escritório —, tão cheia de si. — Ele se virou para mim e vi seu rosto com queimaduras, aquele sorriso torto e os olhos fundos. — Algo que, quando olhamos, nossa vida toda se perde em um só lugar. Nela!

— O que está acontecendo aqui? Pode me explicar por que acordei ao lado dela?

— Simples, Rodrigo. Dirija! — Sua calma me enfurecia.

— Como posso confiar em você? Isto não é um sonho! Eu não estou mais naquela sarjeta implorando para morrer! O que você fez?

— Quer realmente saber, homem puro? —

Respondi positivamente. — Então, por favor, dirija! Quanto mais rápido você fizer o que peço, mais tempo terá para fazer o que quer.

Liguei o carro e parti em direção às suas instruções. Virava à esquerda, à direita, ouvindo-o atentamente, porém sem dirigir uma palavra a ele. De alguma forma, sentia que ele queria me mostrar algo no fim desse passeio. Não era para parar em qualquer lugar para conversar, era “no lugar”.

— É aqui!

Um vento forte me fez fechar os olhos, folhas de orvalho passaram por mim. Quando abri novamente meus olhos, não estávamos mais no carro, mas sim em frente a um túmulo. E lá estava o epitáfio.

— O que quer me dizer? — Minhas perguntas eram sinceras e senti meu estômago embrulhar um pouco devido a mudança repentina de cenário naquela espécie de teletransporte.

— O enjoo é normal para as pessoas comuns, só tente não vomitar em mim — ele disse aquilo como se realmente fosse o homem mais higiênico do mundo. — O que eu quero dizer, homem de boa-fé, é que não dá para voar sem ter que cair primeiro. E

você caiu. Mas se lembra do motivo exato da queda?

Meus olhos iam ao encontro daquele epitáfio, enquanto ouvia as palavras poderosas da assombração. Era fato que fora por um só motivo que eu havia caído. Mas como era difícil aceitar!

— Ganância! — Ele ainda me observava esperando mais. E o pior era que tinha mais. — Não dei valor ao meu redor quando se tratava da minha vida pessoal. Pensava que somente era importante o financeiro. Se ele estivesse bom, todo o resto estaria. Assim, tratei minha vida pessoal como a sobra da janta que vai para o lixo. Amigos, família... amor!

— E o que você faria para mudar isto? Diga o que mais deseja. Abra os porões da sua mente. Homem de fé, eu só quero de você a verdade. A sua verdade. O seu desejo mais profundo.

— Meu desejo mais profundo é voar!

— Que seja concebido então, homem verdadeiro. Que o voo lhe traga o que almeja, após uma queda densa!

Eu me virei para ele, agora ciente de tudo o que
PERIGOSAS ACHERON

minha mente queria processar, mas estava faltando uma peça.

— Está me vendo melhor agora? — perguntou o velho.

Notei que os ferimentos de queimadura em seu rosto sumiram, estava límpido, com uma aparência de quarenta anos, mas poderia facilmente ter quatrocentos e cinquenta.

— Você havia me perguntando quem eu sou... Pois bem, sua pergunta foi respondida!

— Eu pedi para voar, para me sentir livre dessa culpa. No fundo, eu queria a morte, mas você — caminhei até o velho, apontando o dedo em seu rosto —, você me deu a vida!

— E me julga por isto? Quantas pessoas neste mundo queriam uma nova chance para fazer diferente o que erraram? Quantas pessoas já conseguiram voltar e consertar seus erros?

— Não existe um novo começo para a morte! — Cerrei os dentes. — Somente dor! E lhe agradeço imensamente por me dar isto em dobro! — Virei às costas e caminhei sem rumo. — Você me trouxe para reviver o pior momento da minha vida.

— Ainda faltam dias, Rodrigo! — Eu parei porque não queria ouvir mais aquela voz, mas ao mesmo tempo, ela era meio que um refúgio. — O que pensa em fazer de diferente? Acha que vale viver isto de novo? Viver intensamente ao lado de quem ama? Seja a diferença!

Uma lágrima desceu e me virei para o velho, mas ele não estava mais lá! E eu estava de volta ao meu carro, em frente ao edifício que a Jéssica tinha entrado.

3 “Outro momento decisivo / Uma bifurcação cravada na estrada / O tempo te agarra pelo pulso e
Te mostra aonde ir / Então, dê o seu melhor nesse teste / E não pergunte o porquê / Essa não é uma pergunta, / Mas sim uma lição que se aprende na hora certa. / É algo imprevisível / Mas no final é certo /
Espero que você tenha curtido o tempo de sua vida”

Buscar

O telefone tocou e eu despertei do transe dos meus pensamentos. O nome Marcelo apareceu. Tentei tirar da cabeça a imagem do velho. Era um dos meus sócios na empresa que me ligava alucinadamente. Pensei por alguns segundos em não atender, mas ainda assim, o trabalho foi mais forte do que eu e não era a primeira chamada que seria perdida.

— *Fala, Marcelão.* — Tentei ser cortês, mas não rolou.

— Falar o quê? Que está indiscutivelmente atrasado? Porra, Rodrigo, a reunião com os magnatas é hoje, você se esqueceu ou tem algo mais importante do que fechar esse contrato milionário?

— Não, eu não esqueci, mas é que... — Cocei a cabeça para procurar como explicar a ele toda a *parafernália*. — É que...

— É o que, cara? Esses chineses não sabem esperar. Você sabe como são. O dinheiro deles é como o anel do Gollum. *Meu precioso!*

— Ok, ok, já entendi, mas teoricamente o anel não era do Gollum, ele o achou e depois roubaram dele, e ladrão que rouba ladrão...

— Que seja, cara. Apresse-se!

— Não posso!

Houve um momento de silêncio após aquelas duas palavras saírem tão naturalmente da minha boca. Estava absorto pelas ideias que transcorriam como águas, explorando um novo horizonte. Eu estava afastando a negatividade.

— O quê? — perguntou Marcelo.

— Marcelo, meu amigo — falei, aparentemente calmo e pausadamente —, nunca se perguntou o que faria se a vida lhe desse outra chance? Uma oportunidade de consertar um erro? — Ele não respondeu, então prossegui: — Eu tenho, sim, algo mais importante a fazer do que ganhar milhões enganando japoneses...

— Chineses!

— Que seja! A bola é toda sua. Considere-se o
PERIGOSAS ACHERON

chefe prioritário da empresa neste momento.

— Você tem certeza disso Rodrigo? É o nosso negócio!

— Eu sei, cara, mas perceba: temos 35 anos e vivemos pelo menos 15 acreditando e lutando por um sonho que realizamos e muito bem. Estamos bem com nossa empresa. Cara, preciso consertar a minha vida. Na verdade — Olhei para o edifício —, preciso consertar algo bem mais importante que a minha vida.

— Drigo, você está bem? Quer que eu mande alguém aí onde você está? — disse ele.

Mas eu já estava inerte. Longe. Havia caído minha ficha por completo. Consertando aquilo, poderia consertar a minha vida ao mesmo tempo, mas o mais importante, era mudar aquela tragédia. Mas como fazer? Eu sabia o dia e a hora, mas como fazer?

Como eu poderia salvar a vida de quem vi morrendo? Aquilo era loucura! Afastei os pensamentos e desliguei o telefone na cara de um Marcelo que murmurava palavras inaudíveis.

— Vai acontecer na sexta-feira, daqui a três dias.

— Saí do carro e caminhei até o começo da Avenida Paulista, metros à frente enquanto falava sozinho. — Na saída do escritório, por volta das 18h30, um veículo apressado ultrapassa o farol vermelho e pum.

A imagem era forte e veio como um flash de volta a minha memória. Tentei me concentrar para reparar em qualquer detalhe que pudesse notar de diferente na minha mente que, naquele fatídico dia, estava turbinada de emoções.

— Eu paro e olho para frente. O farol fechado, mas ninguém atravessa. Ouço gritos de socorro. Pessoas correm para o meio da avenida. O carro dispara, saindo de cena. Um carro vermelho. Qual era a marca? — Estalo os dedos várias vezes tentando me lembrar. — Era um HB20. Cor vermelha. E aí, ouço o barulho das sirenes.

A ambulância soa distante no meu cérebro e eu estou revivendo aquela, perturbante, cena.

Sem me dar conta, eu estava parado no meio da faixa de pedestres com o farol fechado. Muitas pessoas circulavam, desviando de mim. Abaixei e, em minha visão, estava ela. Seu olhar denunciava

tudo o que, naquele instante, eu repudiava.

Os carros buzinaaram e voltei à realidade. O farol verde e somente eu no meio da Avenida Paulista. Corri para a calçada com os protestos dos motoristas e os carros transitaram normalmente.

— Está louco cara? Quer morrer é?

Um HB20 vermelho passou cantando pneu e reconheci aquele homem. Sem pestanejar, gravei sua placa, peguei meu celular e liguei para minha esposa.

— Oi, amor, como está o trabalho?

— Sabe que é tranquilo pela manhã. Onde está? Vi o carro ainda estacionado aqui fora.

— Dando uma volta. Passei para o Marcelo umas coisas sobre a reunião para ele não ficar perdido com tudo. Estou pensando em algo bacana para fazermos hoje à noite. Tipo jantar em um local bem gostoso.

— Você realmente está parecido com aquele adolescente imprevisível por quem me apaixonei.

— Então tenho que ser ele para você se apaixonar de novo? — Descontraí um pouco.

— Claro que não! Eu amo você com todas as
PERIGOSAS ACHERON

suas formas, mas amo muito voltarmos com essa paixão toda. Estou louca de saudade já.

— Eu também, meu amor! — Sorri, mas voltei a atenção ao assunto principal do momento. — Amor, preciso de um favorzão seu! Tem um carro e preciso de umas informações sobre ele.

— E você anotou a placa? — Respondi que sim e passei a ela. — Ok, aguenta aí que vou puxar para você. Qual a encrenca dessa vez?

Ela perguntou isso, porque algumas vezes tivemos problemas com veículos alugados que deixávamos com vendedores.

— Nenhuma. É que o Marcelo anda pesquisando alguns carros usados para o filho dele, só quero saber se este tem alguma restrição financeira ou multa — menti.

— E ele quer um HB20? — Confirmei. — Certo, eu encontrei aqui! O dono se chama Paulo Henrique Passos, pelo que consta no documento do carro. E ele, bom, ele mora há alguns quarteirões de casa, acredita?

— Não acredito mesmo — disse perplexo, enquanto memorizava o nome da rua que a Jéssica

dizia. — Obrigado, amor. Nós nos vemos logo, se prepare para uma surpresa!

— Droga, Rô, você sabe que eu sou muito ansiosa, isto literalmente não é legal.

— Apenas relaxe. — Notei sua euforia, eu estava louco para vê-la logo também. — Eu amo você!

Desliguei e caminhei de volta para o carro. Como se já não bastasse aquele velho indefinido, que em algumas vezes parecia um ser divino e em outras uma assombração, agora eu ia bater na porta de um demônio.

Acreditar

— Vocês parecem bem! — A voz feminina era da amiga e colega de trabalho da Jéssica. — Pela forma como falou com ele ao telefone.

— Ah, sim! Verdade amiga, isso é incrível! Dias atrás era como se ele nem morasse em casa e falássemos somente o essencial. Aí, hoje, ele acordou assim diferente. Até disse que jantaremos fora! Eu sei que a aranha que picou o Parker o transformou no Homem Aranha, mas esse bicho que picou o Rodrigo merece um prêmio.

— Quando você achar esse bicho do amor passa para ele o meu endereço. Está aí uma bela oportunidade de você se abrir com ele, não acha? — Arqueou as sobrancelhas.

Jéssica a olhou um tanto quanto surpresa, mas consciente do que a amiga dizia. Baixou a cabeça como se lamentasse.

— Ontem à noite, tivemos uma daquelas brigas

feias de casais. Como nunca antes. Eu até ia falar a ele, mas nos insultamos e ele saiu. Chegou tarde e bêbado, se virou em um canto e lá ficou. Meu pensamento pela manhã era de arrumar minhas coisas e ir embora.

— Mas como faria isso com...

— Não sei Bruna! Tenho minha família e eles me auxiliariam. Mas foi como se ele renascesse essa manhã, amiga... — Jéssica se levantou com um sorriso de orelha a orelha e segurou as mãos da Bruna. — Acredito que a fase ruim esteja passando. Ele deixou até o trabalho de lado. Hoje teria uma reunião superimportante, na qual ensaiou por semanas, deixando-me de lado todas às noites e, assim do nada, não foi.

— É realmente admirável! Só quero sua felicidade! Ainda mais sabendo que fui eu que os apresentei, né? — Bruna piscou e elas riram. — Gosto muito dele, mas você é minha grande amiga.

Elas se abraçaram e voltaram aos seus lugares. Jéssica fitou seu notebook por um tempo, depois olhou para um porta-retratos de madeira, ao lado, com uma foto do casal se abraçando e sorrindo

descontraídos, ao fundo, a imagem de uma das belas praias de Paraty, em uma das viagens loucas e inesquecíveis dos dois.

Com uma saudade enorme, Jéssica tratou de pegar o celular e enviar a seguinte mensagem: T.A.A.V.

Ao mesmo tempo recebeu uma parecida, só que vinda de Rodrigo, ao lado de uma figura amarela expressando um sorriso. Ela sorriu, entregue àquele amor e acariciou sua barriga.

Saber

Eu olhava para a tela do meu celular como uma criança. Como era incrível a nossa ligação. Mandeí uma mensagem no mesmo instante que recebi uma parecida. Aquelas siglas me levaram a um local conhecido...

Corríamos por um parque onde os arbustos ofuscavam a luz do sol e o emaranhado verde da natureza refrescava nossa corrida com um vento gostoso. Ela sorria crente de que eu não podia alcançá-la. Eu fazia por onde ela acreditar. Deixei-a dar uma boa distância de mim e me escondi pelas árvores. Ela parou no tronco de uma delas para respirar e tomar fôlego, olhou para trás e não me viu.

Com um pequeno “BU!”, eu a segurei e rolamos pela grama.

Enquanto eu sorria, ela dava tapas de leve em

mim, até pararmos de rolar.

— Seu palhaço! Você só trapaceia! — Ela sorria também conforme eu tentava fazê-la, com beijos quentes, parar com os tapas ardidos.

— Sabe... — Eu me arrumei e sentei ao seu lado, olhando-a no fundo dos olhos enquanto acariciava sua pele e tirava algumas plantas do seu cabelo. — Nunca fui o cara de esperar um momento, mas sim de fazê-lo acontecer. Por isso — Eu me ajoelhei em frente a ela e senti sua aflição, ambos tomados pela emoção —, não quero que sejamos apenas um casal de namorados, que faz o que bem entende, depois termina e nunca mais olha para o outro. Os tempos hoje são assim, mas não quero isto. Não com você. Hoje em dia temos que fazer valer cada ato, se quisermos realizar nossos sonhos juntos, e não apenas deixar acontecer. Por isso, eu te pergunto: — Tirei do bolso da jaqueta jeans uma caixinha preta e a abri revelando um anel simples, mas de ouro reluzente. — Jéssica de Oliveira Gonçalves, você me daria a honra de se casar comigo?

Uma lágrima caiu dos seus olhos e ela me

abraçou forte. Nós nos beijamos.

— Rodrigo Vieira Magalhães, é claro que eu quero. Eu amo você além da vida!

De volta ao presente, eu estava com o carro parado na frente de uma casa simples, em um bairro até que sofisticado. Era bonita, tinha dois andares e um portão de aço na frente. O bairro era o mesmo que o meu, em um cruzamento da Avenida Sumaré.

Desci e toquei a campainha. A garagem estava vazia. Toquei novamente e não vi nenhum movimento lá dentro. Imaginei que era hora de saber algo sobre o que o futuro me reservava, mas nada aconteceu.

De repente, uma sombra lenta se moveu na cortina e a porta rangeu um pouco para abrir. Não tardou para uma senhora aparecer, descendo tão lentamente os primeiros três degraus, que quase voltei ao carro para aguardar.

— Olá, senhora. O Paulo se encontra? Seu filho?
— Deduzi para manter uma intimidade.

— O que tem ele? Quem é o senhor? — Ela caminhou até o portão, ajeitando seus *oclinhos* meia lua e sua camisola, forçando muito sua visão para tentar me identificar.

— Sou apenas um amigo distante, da época de escola. Faz tempo que não vejo o Paulinho!

— Não. Ele está no trabalho, senhor. É meu neto, mora comigo quase que desde sempre! Quer o endereço de lá?

— Na verdade, quero deixar um recado, a senhora se importa de entregar o mais urgente possível a ele?

— Tudo bem. Precisa de caneta? Minha memória não é a mesma de 20 anos, senhor.

— Entregue a ele, por favor... — Sorri e lhe entreguei um pedaço de papel sulfite dobrado.

— Apenas entregar? — Ela o pegou desconfiada.

— Ele fará contato comigo!

— E pelo *Zap Zap* não é mais fácil?

Eu não pude deixar de sorrir, ao ouvir a menção comum.

— Aí também tem meu telefone. — Agradei

com a cabeça. — Obrigado e me desculpe atrapalhar o seu descanso.

— Eu só vou descansar quando for para o céu. Vá com Deus, moço.

Acenei mais uma vez e, óbvio, que fiquei pensativo naquelas últimas palavras dela. Seria mesmo o céu um descanso? Seria mesmo que eu estava com Deus ao meu lado? Eu duvidava de tantas coisas, mas após ganhar essa nova chance, estava tendo uma visão diferente da vida.

Talvez não precisasse ter tantas perguntas sobre quem eu era, meu papel no mundo, o que faria no dia seguinte ou até mesmo questionar a existência de deuses e a fé das pessoas. O que eu precisava mesmo era colocar fé em mim, nos meus dias, amor nos meus atos, e fazer do simples, o extraordinário.

Entrei no carro e disse para mim mesmo:

— Hora de aproveitar a minha amada.

Jantar

A vida tinha me proporcionado grandes coisas, claro que com muito suor. Por isso reservei o melhor restaurante nos cantos do Itaim, com as melhores opções de vinhos e comida afrodisíaca. Comprei um vestido azul, todo trabalhado no bordado com pétalas douradas nos cantos, um sapato de salto e um perfume daqueles de comercial de atriz internacional.

Em meu pensamento, como há muito não colocava em prática, para agradar a quem se ama não precisava de um momento específico, mas sim a simples razão de amar.

Eu, em um elegante terno azul-escuro. Ela, a mais bela dama da noite de São Paulo. Um casal Hollywoodiano.

Fazíamos o trajeto com leveza até o restaurante, passamos pela Ponte Estaiada, um dos famosos cartões postais da cidade, onde naquela noite a iluminação variava como de costume entre o

PERIGOSAS ACHERON

vermelho, verde e azul.

— Lembra quando fomos naquele bar de rock e na volta, bêbados, os táxis cobraram uma fortuna?
— ela falou com divertimento na voz, lembrando uma noite incrível.

— Impossível esquecer, amor.

— Na época só tinha táxis e estava uma fortuna por ser feriado prolongado. A gente resolveu caminhar sem sentido algum até chegarmos perto dessa Ponte. Ela estava toda iluminada parecendo uma imensa árvore de natal.

— Tem certeza que eu estava tomando a mesma coisa que você?

Rimos, enquanto ela continuou:

— E a gente começou a tirar fotos ridículas...

— *Alto lá*, mocinha. Eu era seu fotógrafo e você minha modelo. Poses maravilhosas e fotos de puro teor sensual, diga-se de passagem, dois belos profissionais no ramo.

A gente não se aguentava de dar risadas e quando atravessamos a ponte, olhei pelo retrovisor e a lembrança daquela noite sem rótulos tomou minha memória como se fosse ontem. Quando olhei para

PERIGOSAS ACHERON

Jéssica, eu a vi inerte, sorrindo para mim. Toquei sua perna e ela acariciou meu cabelo durante todo o restante do trajeto.

Ao chegarmos no restaurante, deixei a cordialidade do garçom de lado e puxei a cadeira para ela se sentar. Conduzia aquela noite com calma, observando cada gesto de deslumbramento da minha amada.

O garçom serviu vinho. O restaurante era muito sofisticado, as luzes escuras puxadas para um tom avermelhado; as cadeiras, mesas e o balcão feitos de madeira e junco e, no meio de tudo, uma chapa de ferro que servia como grelha para diversos tipos de pratos do cardápio. Uma música leve deixava todos descontraídos.

— Sempre tive vontade de conhecer este lugar!
— ela disse, soberba de admiração com o local.

— Como se eu adivinhasse, né! — Sorri e ergui a taça do vinho para brindarmos. — A nós!

— Sempre! — Cheiramos e tomamos o primeiro gole daquele vinho bom.

— E aí amor, dia corrido?

— Você sabe, né, o monte de papelada que esses
PERIGOSAS ACHERON

agentes de trânsito trazem, de uma hora para a outra minha mesa enche, mas não viemos falar de trabalho, não é? — Abafei um sorriso e tomei outro gole do vinho. — O que aconteceu com você hoje? Digo, rejeitar o dia de trabalho com uma reunião daquelas... Agora esse jantar... Não que eu esteja reclamando, está tudo maravilhoso, mas foi tão...

— Inesperado? Imprevisível?

— É! — Ela respirou ofegante.

— Amor, de umas semanas para cá, eu tenho sido um marido ausente. Foco no trabalho e só. Brigamos cada vez mais por motivos pequenos. E você até achando que eu tinha outra.

— Ah, mas aquela sua assistente...

— É só assistente! Nada mais que isto! Amor, eu sei que ando distante, mas meus olhos nunca caíram em mulher alguma que não fosse você, só que eu não prestei atenção aos detalhes.

— Eu pensei em sair de casa — disse ela, abaixando os olhos envergonhada. — Há tempos você deixou de ser meu companheiro. Como se parecesse um colega de quarto. E nossa intimidade diminuindo... Tudo se tornou tão sufocante.

Coloquei nossos copos e a garrafa de lado e peguei as mãos dela para acariciá-las.

— Não a culpo! Você se lembra de quando a Bruna nos apresentou?

— Eu nem queria sair naquela noite. Ela me forçou. Eu estava cansada — dizia com entusiasmo. Os olhos brilhando. — Um barzinho convencional, nada demais.

— A não ser pelo fato de a garota mais linda do bairro estar presente enquanto o mais desajeitado e feio da turma de formandos ficava deslocado, olhando-a ser paquerada por vários!

— Caramba, já tem tempo, né! — exclamou Jéssica, dando por si.

— Nem me diga! E não tem um segundo, em toda minha vida, que eu me arrependa de estar aqui ao seu lado.

Aquela noite foi mágica. Mais magnífica do que eu poderia imaginar. Relembramos os velhos tempos da adolescência, as nossas loucuras de viagens, passeios e todo o amor que declarávamos.

Senti certo incômodo nela, como se tivesse algo para falar de diferente dos nossos assuntos

PERIGOSAS ACHERON

cotidianos, mas deixei um pouco de lado, quando chegaram nossos pratos e nos deliciamos com a comida exótica do local.

Em pouco tempo, ela sentiu uma tontura e pediu licença para ir ao banheiro. Meu telefone tocou. Eu não reconhecia o número, mas atendi:

— Senhor, Rodrigo? — A voz masculina era jovem e demonstrava um pouco de insegurança.

— Sim, quem é?

— Sou o Paulo! — O cara do HB20 vermelho, pensei, bingo. — Minha avó me entregou uma carta sua. Você tem certeza disso?

— Podemos conversar amanhã à tarde?

— Sim, tudo bem, anote meu número aí e me ligue quando puder ou me mande mensagem.

— Ok, agradeço, Paulo.

Desliguei o telefone e gravei o número do rapaz. Afinal de contas, não era um inimigo e muito menos bati na porta do demônio. O cara era gente boa, só estava igual a mim há semanas: passando por um momento estressante.

Jéssica retornou à mesa e perguntei o que tinha acontecido. Ela desviou o assunto dizendo que era

PERIGOSAS ACHERON

só o enjoou do lanche que comera no almoço. Isso eu entendia muito bem. Eu podia comer qualquer coisa que não passava mal, mas um lanche era praticamente uma bomba atômica.

Mais uma vez na noite, nós nos perdemos a felicidade da companhia um do outro.

Lembrar

— *Você não vem para a cama?*

Sua pergunta já sabia a resposta, mas ela mesmo assim a fazia.

Ela estava cansada de saber que eu precisava me concentrar para que as coisas dessem certo. Se eu entrasse na mente daqueles chineses, os produtos comercializados e exportados dariam uma grana e tanto, a ponto de não precisarmos mais trabalhar por uns bons anos. Só bastaria eles aceitarem e a fusão se iniciaria.

Para que esse acordo fosse firmado, necessitava de muita pesquisa de mercado. Horas a fio no escritório. Palestras e eventos com meu sócio. Tudo para garantirmos uma estabilidade financeira e podermos cuidar das nossas vidas e esposas. Mas aquilo requereria sacrifícios.

Eu só não entendia por que ela não conseguia ver isto.

— *Daqui a uma semana irei deitar com você sem nos preocuparmos com a hora de acordar.*

O problema é que eu achava que ela não entendia. E a gente começou a se amar em línguas diferentes. Eu não parava para ouvir como tinha sido o seu dia, o que tinha comido ou até mesmo para elogiá-la como eu sempre fazia. Aqueles cinco minutos a mais na cama, quando acordávamos, já não tinha sentido, pois já vivíamos no automático. Era abrir os olhos e partir para o chuveiro.

Então começaram as ofensas. As palavras que doíam em quem as ouvia, mas eram um desabafo frio e cruel para quem falava.

— *Você não entende, é mesquinha! Não consegue compreender que estou fazendo isso por nós.*

— *Se você estivesse ao meu lado de verdade, veria que a única coisa que quero é a sua atenção. Mas para que se dedicar a mim se lá fora tem um monte de piranhas se arrastando pra você?*

— *Eu não tenho tempo pra isto!*

— *Claro, nunca tem tempo pra nada. Ou melhor, você simplesmente não tem mais tempo, porque hoje eu já não sou nada pra você. Quando demorar*

pra chegar de novo, certifique-se de voltar ao escritório pra aquela secretária vadiazinha.

— *Não diga isto da menina, eu não tenho nada com ela.*

— *Pronto, agora vai defendê-la?*

— *Você é tudo pra mim, mas não entende que eu preciso me concentrar para essa reunião senão tudo pelo que lutei nunca terá valido a pena.*

— *Que seja, Rodrigo. Está em uma luta sozinho, sendo que não está só... mas quer assim.*

Ela sempre falava uma frase de efeito, virava as costas dizendo que não queria mais conversar sobre aquele assunto e saía, batendo a porta do quarto com violência.

Já eu, respirava fundo, contava até mil e não ia atrás dela. Não entrava no quarto. Não tirava minutos ou horas da minha vida para fazê-la feliz como prometi no altar. Eu não aceitava que a estava deixando de lado. Virava e ia para o escritório batendo a porta na mesma sintonia.

Pegava um uísque, colocava um som e procurava me organizar, focava apenas no lado profissional. Não pensava na vida preciosa que eu estava

PERIGOSAS ACHERON

destruindo por causa da minha ganância. Eu podia fazer as duas coisas ao mesmo tempo, sem prejudicar nenhuma dessas, mas não foi o que fiz.

Quando ia para a cama, ela ainda estava de olhos abertos, mas eu fingia não ver. Deitávamos de costas um para o outro. Sem sono. Estressados. Tristes.

Lembro-me que no início do casamento tínhamos nossas brigas, mas sempre um dava o braço a torcer, porque é horrível ficar mal com quem se ama.

A ideia da empresa com o Marcelo foi se formando na faculdade de administração, naquela época eu não tinha interesse em relacionamentos. Na verdade, eu sempre fugi de namoros, porque eu só me dava mal. Era tímido e desengonçado, as poucas pessoas que iniciavam algo comigo, não durava um mês e já diziam que não ia dar certo. Na semana seguinte, eu as via com outras pessoas. Uma vez, na escola, a menina me disse que ia sentir minha falta, que eu tinha sido um ótimo “ficante”. Não deu cinco minutos e, no intervalo da aula, ela estava se amassando com o bad boy

repetente.

E então a Jéssica olhou para mim na formatura, e eu fugi. Ela sorria, mas nunca zombou de mim. Naquele tempo, a Bruna ficava com o Marcelo e eles sabiam que eu gostava da Jéssica. O problema é que eles também sabiam do meu histórico e trauma.

— Maninho, chega mais. — Marcelo me entregou uma cerveja e me puxou de lado. — Cara, independente da sua opção sexual, eu sempre vou amá-lo como um irmão.

— Cê tá louco Marcelão. Sai pra lá.

— Cara, esse seu trauma com as mulheres tem que chegar em um ponto final. Acabou o capítulo. Ou até mesmo esse livro. Você precisa se arriscar mais nesse campo.

— Não! — Eu balançava a cabeça parecendo que estava tendo um ataque. — Digo, quando estou com elas, eu não consigo ser eu mesmo, cara. É difícil demais. Ser você seria mais fácil. Você só namora as beldades da faculdade, é extrovertido, fala com todos e de tudo. Já eu não.

— Você precisa entender uma coisa, seu mané —

Ele brindou comigo e tomamos um gole —, só tem uma beldade que eu nunca consegui nada, e sabe por quê? Porque eu não sou você! Rodrigão, entende cara, você é um homem pra casar, pra apresentar a namorada aos pais, assar o peru de natal na sogra, hein...

Ele deu risada tomando mais cerveja e eu entrei no clima, conseguindo me soltar um pouco mais.

— Está vendo aquela beldade ali? — Ele apontava para Jéssica, óculos de grau fraco, olhos fortes, um vestido lindo e segurando uma cerveja. Ela estava com umas amigas, mas eu via que ela lançava olhares na nossa direção. — Ela não olha assim para um cara. Se alguém aqui pode ter tudo na vida hoje, é você.

Nossos olhares se cruzavam de longe e uma adrenalina subia em mim. Eu queria correr e chamá-la para dançar, mesmo sendo um poste na pista de dança.

— Mas como eu vou chegar nela?

— Deixe as apresentações cordiais comigo. — Bruna passou por nós e abraçou o Marcelo enquanto falava para mim. — O restante vai

depender da sua atitude. E não me agradeça agora, nerd. Ela é minha amiga, e se você não a fizer mais feliz do que ela possa merecer, eu vou cortar o menino que você nunca usa.

Eu engoli em seco e ela sorriu dizendo que era brincadeira.

Em outro momento na festa, ela apareceu sorrindo com a Jéssica, nos trazendo bebidas. A apresentação não foi nada cordial, porque a Jéssica derrubou cerveja na minha calça. A gente só sabia dar risada.

Fugimos para o segundo piso da balada e lá encontramos um canto para conversar, sem o som alto. Ali, ocorreu o nosso primeiro beijo, em um clima de sinceridade e álcool, estávamos em plena harmonia com os sentimentos, foi tudo lindo.

Depois da formatura e o fim da faculdade, nós não queríamos mais nos separar.

Trabalhar

O despertador tocou às sete da matina. Abri um dos olhos e bati ao lado para encontrar a Jéssica, mas a cama estava vazia. Eu me virei e a vi saindo do banheiro em minha direção, ainda de pijama listrado, o seu preferido.

— Bom dia dorminhoco!

— Bom dia. O que aconteceu? — indaguei, esfregando os olhos. — Você está bem amor? Foi ao banheiro umas três vezes essa madrugada.

— Amor, eu tentei contar para você ontem, mas sei lá, o clima estava tão gostoso e a noite foi tão maravilhosa, que acabei me deixando levar.

— Então não se deixe levar agora e me conte!

Ela andou para lá e para cá no quarto, deixando-me tonto e me fazendo lembrar do quanto aquele vinho foi forte.

— Nós vamos...

TOC-TOC. TOC-TOC.

O barulho braçal na porta de madeira nos assustou. Alguém estava desesperadamente querendo nossa atenção.

— Quem deve ser a esta hora? — Eu me levantei e coloquei uma camiseta qualquer. Jéssica bufou. — Já estou indo, o mundo não vai acabar!

Caminhei até a porta e a destranquei. A minha frente estava um homem vestido de terno e gravata, com uma maleta na mão. Tinha alguns centímetros a menos do que eu e seu cabelo era espetado.

— O mundo realmente AINDA não acabou! — Era o Marcelo, meu sócio. O desgraçado estava ali, na minha frente, e eu mal tinha pensado no café. — Os chineses adiaram a reunião para hoje. Não venha novamente filosofar comigo que não vai dar certo.

Eu tentei dialogar, mas ele me cortava a cada investida minha, parecendo uma criança que não quer ouvir só porque você a negou um doce.

— Cara, independente se quer largar ou não, eu preciso de você nessa!

Levantei o dedo indicador para ele e encostei a porta. Caminhei até minha esposa, que começava a

se arrumar, batendo o pé com força no chão.

— *Desculpa*, amor, o que você dizia?

— Nada, amor... — Tentou mostrar-se calma, caminhando até mim e me beijando. — Você precisa ir! Não fura com ele igual ontem. A empresa pode tê-lo, mas você é o cabeça de tudo!

— Mas eu não me esqueci do nosso assunto. — Comecei a correr para me trocar. — No fim do dia fazemos algo e conversamos com mais calma, ok?

Em três minutos eu já estava mais arrumado do que ela. Passei pela Jéssica e beijei sua nuca, desejando bom serviço. Como ia de carona com Marcelo, deixei as chaves do carro para ela usar.

Assim, fomos ao trabalho mudos. Pois de um lado, Marcelo queria me perguntar sobre a loucura de ontem e, de outro, eu não queria responder nada!

A chegada ao escritório foi estranha. Todos me olhavam como se eu fosse um deslocado, como fui um dia na escola. Desejei, por um segundo, que aquele velho aparecesse e me transportasse para longe daquilo. Era mais estranha ainda a minha sensação de estar mal em um lugar que dei a minha vida para estar bem.

Fomos direto para a sala de reunião. Os chineses, pontuais, já estavam organizando suas pastas, sentados à grande mesa.

A reunião foi demasiada longa e cansativa. Fiz de tudo para dar certo e eles aceitarem nossa parceria com a exportação de eletrônicos. Nós tínhamos uma e-commerce: vendas online de produtos que cabem no bolso de todos; desde marcas registradas e muito conhecidas, como de marcas pequenas, porém tudo licenciado com notas fiscais. O passe com os chineses era grande, e eu sentia que fazia mais pelo Marcelo do que por mim.

No início, eu tinha 70% das ações e reduzi para 60%, ou seja, 40% para o Marcelo. Ele era pai de duas lindas crianças, um casal de gêmeos de quatro anos. Ele precisava muito, eu sentia que a minha boa ação estava sendo feita. Eu estava diferente e queria fazer a diferença.

Quando saímos para o almoço, jurei ter visto do outro lado da avenida um velho com as mesmas características daquele misterioso ser, mas com um chapéu de cowboy e sorrindo para mim. O ônibus passou tampando minha visão, quando olhei

novamente o velho não estava mais lá no lugar onde eu o vira.

— Você vem? — indagou Marcelo, entrando no restaurante.

— Sim! — Caminhei para o almoço.

No restaurante, comíamos a combinação “light” de sempre: arroz, feijão, carne, batatas e um pouco de salada para deixar o prato mais colorido e dizer que era para balancear. Como o local estava cheio, tivemos que sentar próximos a dois homens que, para nossa infelicidade, eram concorrentes nosso.

Guilherme e Matheus eram sócios em uma empresa parecida com a nossa na questão de e-commerce, mas tinha um outro segmento de produtos.

— E aí, meninas, finalmente tiveram um acordo digno, mas a um preço de banana, né? — Um sorriu para o outro.

— A gente não tem culpa que vocês enfiaram a faca neles achando que iam se dar bem — Marcelo se impôs para nos defender.

A questão era que eles tentaram um acordo antes de nós com os chineses e, claro, não conseguiram. Eu sempre me perguntava: se eles não sabem o que é negociar, como ainda assim mantinham a empresa em pé?

— Prefiro continuar na minha do que trabalhar de graça para chineses. Realmente fizeram um “negócio da China”. — Riram novamente.

— A é, Matheus? — Aumentei a voz. — Fui em uma palestra da Vivo, se vocês não a conhecem, é uma empresa de telefones bem renomada, recebi o convite do próprio diretor. Lá, houve um debate bem interesse sobre liderança, negociação e risco. O palestrante tem nossa idade, mas tem experiência de negociação.

— E daí? — perguntou, enquanto rasgava um bife cru com os dentes.

— E daí, monga, é que eventos assim o fazem ter bons contatos e muitas portas abertas. O Gustavo, que gerenciou a palestra, nos ofereceu os melhores planos para a nossa empresa. Ou seja, se você não arrisca continua pegando dinheiro emprestado dos pais só para bancar para os outros que tem uma

empresa. O CNPJ de vocês é mais sujo do que a Praia Grande no réveillon.

Eles engoliram em seco, e eu e o Marcelo tivemos um almoço bem melhor do que imaginamos.

Amar

Terminei o meu expediente após o almoço. O Marcelo não gostou muito, meio que reclamou por eu ter sair cedo, mas disse que ia resolver umas papeladas de clientes. O que era mentira.

A verdade é que descartei o Uber porque queria caminhar sozinho e pensar nas coisas que estavam acontecendo ao meu redor. Não demorou muito para eu notar uma igreja e assemelhar em meus pensamentos os eventos passados. Era a mesma que eu tinha ido e gritado com Jesus na cruz, esperando que ele ou Deus me ouvissem.

Atravessei a rua e entrei nela. Havia pessoas sentadas orando em voz baixa, pois era um horário sem as habituais missas. Olhei algumas pessoas de olhos fechados e ajoelhadas, com as mãos junto ao rosto. Pareciam tão leves e doces. Também observei algumas mais novas em seus semblantes em busca de salvação.

A cruz estava no mesmo lugar e eu já estava

PERIGOSAS ACHERON

parado em frente a ela.

— Gosta do clima daqui? — Assustei-me com o padre quase que em cima de mim. O mesmo que fui irônico e não lhe dei ouvidos ao conselho. — Desculpe-me, não quis assustá-lo, filho. Eu sou o Padre Gabriel.

— Rodrigo. — Acenei com a cabeça, não achando tão irônico assim agora.

— Certo. Veio para se confessar?

— Sim, padre. Eu preciso de alguém com a sua sabedoria.

Ele acenou para seguirmos ao confessionário, lugar este que nunca havia entrado. Era apertado e escuro. O padre ficou do outro lado, e nos falávamos por uma divisão que me impedia vê-lo.

— Fique confortável, filho. Agora, inicie com *“Perdoe-me, padre, pois eu pequei”*.

— Como você sabe que é a primeira vez que eu me confesso?

— Deus sabe de todas as coisas. Eu apenas sou um mensageiro Dele, portador de uma mensagem que Ele, com certeza, terá para você após sua confissão.

— Certo. Perdoe-me, padre, pois eu pequei!

— Diga-me seus pecados e Deus o perdoará. —
Sua voz era tranquila a todo momento e aquilo já trazia uma paz que me deixou mais solto para continuar.

— Eu pequei por deixar de lado a pessoa que mais amei por coisas fúteis. Eu usei a morte de uma pessoa querida para acabar com a minha vida. A verdade é que ela era a minha vida. E quando ela se foi... eu não tive mais chão. Eu me perdi, padre, e não queria ser encontrado mais. Eu odiei a Deus quando a culpa era minha. E então veio até mim uma pessoa que me trouxe o maior teste da minha vida. E eu tenho minha amada de volta, mas tenho medo de perdê-la novamente. Eu sinto que estou sendo observado a cada segundo e, em algum momento, eu terei que ser forte para passar por tudo isso de novo. Mas eu não quero, não que eu não seja forte, mas eu quero que agora seja diferente.

Fiz uma pausa para colocar meus pensamentos em ordem e continuei:

— Uma vez, um padre me disse que eu passaria

pelo maior teste da minha vida e que teria que tomar a maior decisão de todas, seria minha redenção. Eu deveria seguir meu coração e olhar por outra perspectiva. Mas até agora eu não sei o que fazer. Eu tenho olhado diferente para tudo, mas tenho tão pouco tempo... Eu... Eu só quero salvá-la dessa vez.

O padre não disse nada por alguns minutos, mas, por mais que seu silêncio fosse ensurdecador, eu estava me sentindo menos sufocado por ter desabafado.

— Filho, um dos pecados mais cruéis são aqueles que valorizamos o material ao pessoal. Mas assim como uma ferida aberta pode ser curada. Você já foi perdoado. Você já observou toda a situação e agora precisa agir, mas não sabe como fazer. Olhe melhor e, independente do que acontecer, compreenda que você está fazendo o seu melhor. Desta vez, você não só aprendeu a lição, como vai aproveitar esta oportunidade para ser você de verdade, de corpo e alma. O que vai acontecer agora, se já aconteceu ou não, será pela vontade Dele, e nós precisamos entender o quanto isso soma

para nossa vida.

— Certo, obrigado, padre. Eu tenho que rezar algumas dezenas de Pai Nosso?

— Não. Desde que faça o que seu coração pedir, pois Deus está lhe dando um caminho maravilhoso a trilhar, mesmo que seja por pouco tempo, aproveite.

Após sair da igreja, sentindo-me mais leve, voltei a caminhar para minha casa, enquanto repassava nas palavras do padre.

Passei em frente a uma agência de viagens e uma foto bem grande me chamou a atenção, mostrava parques de diversões e o Mickey Mouse. Nele estava escrito: *“Salve a vida de quem você ama e a sua também. Conheça o paraíso por um preço acessível.”* Aquilo mexeu comigo. Pensei bem: se formos viajar, então conseguirei evitar a tragédia e poderemos ser felizes o tanto quanto já fomos ou ainda mais.

Parei na agência e conversei com a atendente por alguns minutos.

Antes de chegar em casa, fiz algumas compras no mercado e resolvi dar um de “Mestre Cuca” e preparar o jantar. Fazia tempo que eu não me vestia de cozinheiro. Fiz a minha especialidade: Arroz ao forno, purê de batatas e salada, acompanhados de um delicioso vinho!

Por volta das dezenove horas, eu aguardava minha amada chegar para as surpresas que ela teria à noite.

Ela chegou, estacionando o carro. Veio devagar como se desconfiasse de algo. Colocou as chaves no porta-chaves de madeira, grudado na parede. As luzes apagadas. Tentou acender, mas foi em vão. Tinha acabado a energia. Pelo menos, era isto que ela deveria estar pensando. Saiu um palavrão tão feio da sua boca linda, que eu não resisti e abafei um riso. De repente, passos à frente, onde ela tinha pouca visão da sala, uma luz se acendeu, bruxuleante.

Jéssica tentava não fazer barulho com seu salto, mas eu percebia que se aproximava cada vez mais da sala. Ao entrar, viu uma mesa de jantar repleta, com duas taças, um vinho, dois pratos vazios,

saladas e a especialidade da casa feita por mim. Próximas ao vinho, duas velas acesas clareavam a sala.

Do lado oposto, eu apareci. Puxei a cadeira para ela se sentar.

— Sério? — Sorri e insisti. Ela se sentou. — Assim fico totalmente mal-acostumada.

— Mas esta é a intenção! — Caminhei até ela e passei levemente minhas mãos por sua nuca e lhe fiz massagem.

Jéssica se encolheu, entregando-se à sensação que a fazia tremer. Acho que na outra vida eu fui um massagista, ou quiroprático. Independente disso, eu sabia fazer uma massagem incrível que a acariciava toda e a deixava muito mais que relaxada.

Por fim, beijei a sua nuca e senti todo o seu corpo arrepiar. Deslizei minha mão próxima aos seus seios e deixei um folder cair em seu prato vazio. Caminhei de volta ao lado oposto e sentei-me à mesa, observando-a admirada lendo as informações com a pouca iluminação das velas.

Ela subiu o olhar até mim e a vi boquiaberta.

— Disney? — Foi a única palavra que pôde
PERIGOSAS ACHERON

pronunciar como pergunta.

— Sim. Não era o seu maior sonho, ir para lá?

— Claro. Sempre tive vontade de conhecer os parques, a temática, a estrutura, tudo de lá — dizia, com mais empolgação.

— Então seria um absurdo, algo totalmente irrevogável e idiota, se você dissesse “não” a isto.

— Sorri.

Como resposta, ela se levantou e sentou em meu colo.

— Não dá para dizer não para você, meu amor...

— Seu beijo foi suave e delicioso.

Segurei-a pelo cabelo e a cadeira tombou. Rimos em meio aos beijos, a atração ficando ainda mais forte. Nos beijávamos como se quiséssemos arrancar a pele um do outro de tanta excitação. Rolamos pelo chão da sala à luz de velas. Desabotoei sua camisa e vi a perfeição do seu corpo coberto pelo sutiã. Ela tirou minha camiseta e começou a beijar meu corpo nu.

Jantar caro, viagens caras, nada disso comprava um amor. A vontade de estar junto, de querer fazer a diferença para a pessoa amada, não tinha preço. O

tesão misturado com o amor era a forma mais gostosa de mostrar o quanto tudo aquilo era perfeito.

Porque você pode ter quantas mulheres quiser, mas o amor de uma só, fazer apenas uma feliz e satisfazê-la sempre, é raro. As pessoas se prendem ao que é fácil, ir a uma balada e usar o verbo “pegar” da forma mais horripilante possível, é moleza. Agora, ter alguém ao seu lado, que lhe entenda até nos momentos mais difíceis, é dureza.

Ali, naquele instante, eu notei: estava no paraíso com ela. Como o amor era incrível. Não precisava de mais nada, de mais ninguém, somente dela! O que mais eu poderia ter além da pessoa que estava ali comigo? Que fazia eu me sentir melhor do que podia ser? Nada. Não existia nada. Nem nunca existiria. O tempo que Deus nos dá é precioso, justamente para aproveitarmos os momentos felizes ao lado de quem nos faz bem.

Deus! Parei nesse nome. Fazia tempo que não mencionava o nome Dele. Seria isso, então? Ele está me dando este tempo justamente para que eu aproveite com quem amo, já que não tinha

aproveitado antes? Eu só não entendia se Deus era o médico ou o louco.

Joguei de lado aqueles pensamentos e vi um corpo nu, maravilhoso, em cima de mim. Suas curvas perfeitas lembravam um violão todo afinado, em que eu podia dedilhar notas de amor com perfeição. Era meu. E nosso acorde era mais do que perfeito. Um lírico do paraíso.

Casar

O casal perfeito é aquele que marca um casamento com meses de antecedência ou até anos. Que define as flores, o fotógrafo, as comidas e faz aqueles convites chiques para entregar a todos os convidados, um a um, marcando jantares, bares e atravessando a cidade todo dia.

Eu e a Jéssica sempre tivemos uma visão diferente do casamento. Não era só por ser um papel ou pela magnificência que dão nos canais fechados, mas era o que representava para nós. Eu nunca fui um homem de religião, mas a família dela era e muito.

Mas ao contrário da família, o que não a tornava uma ovelha negra, Jéssica não queria nada parecido com os casamentos tradicionais.

Então fizemos uma loucura: convidamos nossos padrinhos e madrinhas, os amigos mais próximos e fomos nos casar em Paraty.

Todos os familiares acreditavam que era uma viagem comum, o que já era difícil, pois a família retrograda dela era muito severa e, por mais que a filha fosse uma adulta formada, eles ainda tinham uma ideia de que sexo somente depois do casamento, não gostavam nem que ela dormisse fora de casa.

Com tudo pronto na areia da praia, uma vista linda de um mar cristalino, um pergolado de madeira com flores ao redor, um fotógrafo que contratamos ali mesmo e mais ou menos dez pessoas, Jéssica e eu nos casamos.

Descobrimos, naquele dia, que casar na praia é um negócio maior do que imaginávamos

— Você é o homem por quem eu me apaixonei desde o momento em que o vi perdido na faculdade, levando fora das meninas que não sabiam o que era valorizar um rapaz. — O pessoal sorriu e eu fiquei vermelho, um misto de emoção e vergonha. — Hoje, você é um homem cada dia melhor, que me surpreende em qualquer data, que me dá flores e chocolates sem motivo, que me faz sorrir com as brincadeiras mais bobas que marcam

nosso dia. Você me elogia sem ter que ser ameaçado com uma faca e me faz feliz sem precisar tirar uma nota de cem para tudo que eu quero. Somos simples, da mais pura simplicidade dos amantes de antes, em que não se conquistava vestindo a melhor roupa ou usando um perfume caro; chegando com um carrão do ano ou apresentando um cartão black infinity e dizendo só sobre si para bancar o homem que pode e sabe tudo. Não, você me conquistou porque me observa, me escuta, me deixa à vontade para falar sobre o meu dia e me faz feliz conquistando as coisas comigo. Estamos sempre andando lado a lado, e um relacionamento assim durará além da vida.

Eu chorei por dentro e desejava beber litros da água do oceano de tão seca que a minha garganta ficou. Ela me deixou sem palavras. Foi difícil quando o padrinho olhou para mim e piscou.

— Sua vez garanhão — disse Marcelo.

Eu respirei fundo e olhei para o céu. O dia estava lindo. Olhei para ela e o dia perdeu feio para sua beleza. Jéssica estava maravilhosa em um vestido simples de noiva colado no corpo. As madrinhas

alternavam cores claras em seus vestidos nos joelhos e os padrinhos com camisa social branca e short bege. Todo mundo com os pés na areia.

— Todos aqui presentes se recordam da gente como o casal que só engrenou na faculdade após a faculdade. Mas o que ninguém aqui sabe, é o motivo pelo qual a gente sempre diz: “Eu te amo além da vida”. No segundo ano da faculdade, eu e o Marcelo tínhamos saído para beber e trocar algumas ideias sobre nosso projeto. Bom, o que ninguém sabe é que na volta eu vi um acidente de carro e uma mulher inconsciente. O que também ninguém sabe, nem você, amor, é que eu fui àquele hospital e aguardei. Seus pais chegaram e eu me escondi, ouvindo os médicos dizerem que você estava bem, mas que precisava repousar porque tinha levado alguns pontos. De fato, eu era meio louco, mas eu esperei um tempo e consegui entrar no quarto em que você descansava. Parecia que estava em coma, a respiração fraca, com uns tubos na boca e tomando soro. Eu nunca fui uma pessoa crente em Deus e em santos, mas naquele instante, a única coisa que eu queria era que você

levantasse daquela cama e fosse viver a sua vida e desejei que fosse comigo, porque eu a faria tão feliz quanto você poderia imaginar. E ali, segurei sua mão e rezei. Mesmo sendo o cara mais tímido do mundo e o que sempre errava com as mulheres, eu jurei que a amaria além da vida, porque no fundo eu sabia que você era diferente. Que você seria a mãe dos meus filhos. E Deus não me desapontou. Eu te amo além da vida.

Naquele momento, nem ela, nem eu e nem os padrinhos aguentaram de emoção. Trocamos as alianças, juramos o amor eterno e selamos.

Partir

O voo sairia do Aeroporto Internacional de Cumbica às 15h, com duas paradas, chegando por volta das 2h da madrugada, horário de Brasília, no aeroporto de Orlando.

Jéssica conseguiu dez dias de licença alegando que estava com tendinite. E a coitada realmente estava. Ficar no computador o dia inteiro, de segunda a sexta, arquivando processos e fazendo uma porção de atividades dava nisso. Já eu, liguei para o Marcelo e disse que precisava me ausentar por alguns dias, para descanso, após o bom fechamento que fizemos na empresa. Aos poucos, eu estava jogando a bola toda para ele.

Fizemos nossas malas e pegamos um Uber. Chegamos ao aeroporto e, apesar das enormes filas, fizemos o check-in rapidamente. Por volta das 13h30 estávamos tranquilos no saguão e fomos ao restaurante tomar uma cerveja e conversar.

— Você se lembra que sua mãe não aprovava o
PERIGOSAS ACHERON

nosso namoro? — perguntei.

— Como esquecer? Não só o namoro, mas o casamento também! — salientou Jéssica. — Ela vivia achando que nunca daria certo.

— E ainda não deu certo... para ela. — Sorri, e ela sorriu de volta me chamando de palhaço.

— A gente manchou o significado de um casamento ao realizá-lo na praia.

— Mas manchar um lençol, tudo bem né.

A descontração era boa até o telefone tocar. Reconheci o número, era o Paulo. E, por um segundo, eu havia me arrependido de ter ido à casa dele. Jéssica esticou o pescoço para ver quem era.

— É o Marcelo! — menti.

— E o que ele quer? Você não me disse que falou para ele sobre a viagem?

— Sim, falei, mas ele vive confuso com essa coisa de novos clientes e a papelada toda. Vou falar com ele rapidinho, amor!

Levantei-me e caminhei metros à frente para poder atender.

— Fala Paulo!

— Cara, você sumiu! Eu *te* mandei uma porção de mensagens. E aí, como vai ser? — A voz dele era apressada.

— Paulo, onde você está? — perguntei, achando estranho o jeito dele.

— Apareceu para mim um homem muito estranho, falando coisas como... como... o inferno! Cara, ainda estou tentando decifrar se era real ou um pesadelo, mas mesmo assim, eu não quero ir para inferno nenhum! Não mesmo!

— Calma, calma que ninguém vai para o inferno! Do que você está falando?

— Um homem, diferente de todos que já vi. Ele era novo, mas seu rosto era todo queimado. — Seria possível dois homens, um mais novo e outro mais velho com as mesmas feições? — Ele me dizia que hoje eu iria para o inferno. Que eu não podia acatar ordens de ninguém, nem mesmo as suas.

— Calma aí, quais ordens minhas?

— Aquelas que você escreveu no papel que deixou com a minha avó: “Que eu não podia andar de carro hoje, senão a morte seria eminente”.

Foi mesmo aquilo que escrevi e logo abaixo deixei meu nome e telefone, dizendo que eu queria o bem de todos e que ele podia confiar naquelas palavras.

Ele prosseguiu:

— Você disse que depois me explicaria. Você é algum tipo de vidente? Minha avó acredita em espiritismo e essas coisas me dão arrepios.

— Olhe só, Paulo, procure manter a calma. Sobre esse homem, provavelmente você só teve um pesadelo porque está atolado de coisas na mente. Precisa relaxar e apenas seguir o que eu pedi nesse momento. Você não pode sair de casa, senão pode acabar realmente atropelando alguém.

— Onde você está? — Ele estava afobado e se perdendo nas palavras. — Essas coisas nunca me aconteceram e eu preciso de um refúgio! Não sei qual o motivo de eu confiar em você dessa forma, mas se realmente sabe o que pode acontecer, também pode me ajudar.

— A situação é um pouco mais complicada, porém, aqui onde estou, o perigo é menor. Seria uma boa você vir para eu *te* explicar o que está

rolando.

Olhei para os lados e não vi a Jéssica. Procurei por ela, aturdido, quando dei por mim e olhei para trás, lá estava ela, ouvindo tudo.

— Termine! — disse.

Eu passei a ele o local em que eu estava e ele disse que chegaria em minutos, mas o obriguei a pedir um Uber, para que não dirigisse de maneira alguma. Desliguei o telefone e olhei para ela expressando tristeza.

— O que está acontecendo?

A pergunta era tão sincera que tive medo de responder. Queria contar tudo. O porquê da viagem, o motivo de muitas coisas, principalmente de eu estar diferente. Mas no fundo, lá no fundo, eu não podia. Não entendia qual era a força que me prendia a não revelar, mas era mais forte do que eu.

— Negócios!

— Sei... — Ela me olhou no fundo dos olhos e eu soube que não tinha acreditado. — Olhe, acabaram de informar uma coisa triste!

Olhei para o painel e vi que ao lado do nosso voo estava escrito: Adiado! Eu não podia acreditar

PERIGOSAS ACHERON

naquilo.

— Quem é Paulo e por que ele está vindo aqui?

— Ok, amor, vamos nos sentar. Tenho muita coisa para te falar e preciso que você me escute com muita atenção.

— Não preciso sentar! Apenas me diga o que está acontecendo!

Era hora de ser sincero. Enquanto o voo era adiado pela chuva que engrossava, eu percebia que o dia estava ficando ainda mais feio. O que eu precisava fazer era aguentar até às 18h30, depois tudo estaria em paz. Ao menos assim eu achava.

— O quê? Você só pode estar brincando comigo!

Jéssica estava aturdida pela notícia. Estávamos no restaurante do aeroporto. Eu não sabia como, nem por onde começar, então apenas falei:

— Acordei achando que era um sonho estranho, mas você tinha morrido! Eu dei muito valor ao meu trabalho, a minha vida profissional e esqueci de você. No único dia que teríamos uma folga, discutimos novamente e você saiu às pressas, então

um carro pegou você. Eu fiquei quase três meses sem você, perdido. Até que um ser muito estranho me abordou e me fez voltar no tempo. Foi quando acordei e você estava ali, ao meu lado na cama, dias antes do acidente. Eu não... não sabia o que dizer, nem o que pensar, apenas queria estar com você e sermos felizes, como já fomos um dia. Como se não houvesse o amanhã para mudar nossa felicidade.

Depois da sua expressão assustada e estourada do início, ela levou vários minutos para processar todo aquele resumo.

— E o rapaz do telefone... o tal do Paulo?

— É o motorista do carro!

— O HB20 vermelho?

— Sim...

Ela ia falar algo, quando percebi seu nariz sangrando.

— Ai... — Ela começou a reclamar de uma dor na cabeça e colocou a mão na barriga. Eu me levantei para socorrê-la, mas ela me deteve. — Não! *Me deixe!* Quero ir embora! *Me deixe* sozinha, por favor!

— O que está acontecendo, amor? *Me deixe ajudá-la?*

— Você quer me ajudar? — Ela parou e falou tão alto que todos no restaurante dobraram suas atenções a nós. — Ou me matar de novo?

Eu me calei e ela saiu correndo do restaurante, chorando. Mas antes, de frente para a porta, de costas para o saguão do aeroporto, ela falou em um tom triste:

— Tivemos sim, ótimos momentos esses dias. E, em todos eles, eu queria falar algo para você, dar uma notícia boa em meio a toda essa tempestade em nossa vida. Sabe... você não reparava mais em mim. Queria sexo e pronto. Virar para o lado e dormir. Mas e os nossos planos? Nossos sonhos de querer constituir uma família? Você foi deixando tudo de lado... na hora mais imprópria.

Eu a via com ternura. Eu estava diferente, mas tudo que ela falava, ressaltava o homem inescrupuloso que estava sendo semanas atrás. E a única coisa que eu podia fazer era me calar e a ouvir.

— Eu estou grávida! — Isso foi um baque. —

Então, se eu morri, morri grávida, carregando um filho seu, Rodrigo, se já me matou uma vez, obrigada por fazer isto de novo!

Ela saiu tão rapidamente, que minha fala se perdeu no além. Meu chão tinha caído.

Crer

Corri para alcançá-la, mas quando sai do aeroporto, eu a vi entrando em um táxi e partindo rapidamente. Coloquei as mãos na cabeça. Grávida?

Voltei ao check-in e peguei nossas malas. Liguei para o Paulo para saber onde ele estava. Ele apareceu uns trinta minutos depois. Pegamos outro veículo, enquanto ele me ajudava com as malas sem falar nada.

Durante o trajeto, porém, ele já não conseguia manter o silêncio:

— Aquele bilhete... Você sabia o que ia acontecer, mas e agora? A história muda, correto?

— Mudou completamente. E eu só quero que não aconteça nada do que já aconteceu. Viver isso novamente vai me matar muito mais do que achei que estava morto. É muito ruim viver desejando a morte. Parece que, quanto mais queremos fazer o

bem, mais o mal surge para impedir. Mas me diz sobre a aparição...

— Bom, eu não segui o que ele disse. Confio em você. E não quero ir para o inferno, prisão, muito menos matar alguém! — Naquelas últimas palavras, senti que ele ficou mais retraído, como se o amedrontassem.

— Você está aqui agora. Não fará nada!

— Mas ainda pode acontecer de uma forma diferente.

— É... temos que saber como, para poder impedir. Ela está grávida. — Ele me olhou franzindo a testa. — E eu não sabia. Ela morreu grávida, Paulo. Tem noção disso? Os médicos e legistas não me disseram nada, como se para aliviar alguma dor. Se eu me joguei na sarjeta depois do ocorrido, se acontecer de novo, agora sabendo que vou ser pai, eu não sei o que farei...

— Ei, ei, ei, ei, pega leve, ok? Nós vamos impedir! Eu não sei quem você é nem porque estou aqui, mas acho que é o necessário a ser feito.

Olhei para ele, admirado. Paulo lembrava a mim, anos atrás, aventureiro, conhecendo pessoas e se

arriscando por elas. Realmente não tinha nada de demônio ou inimigo. Ele era um salvador que Deus colocou no meu caminho.

Mais uma vez parei. Deus! Como podia? Ele estava presente em todos os meus pensamentos. Ali, eu tive um insight do passado.

— É tipo tradição da família — disse Jéssica uma vez que tínhamos saído do cinema e andávamos de mãos dadas próximo ao MASP, quando ainda namorávamos. — Todo domingo vamos à missa.

— E você meio que vai por tradição? — perguntei, todo bobo por sua beleza, enquanto meu cabelo desajeitado esvoaçava com o vento.

— Não. Eu vou porque acredito e porque minha família é bem religiosa. Você não acredita?

— Quando eu tinha uns quinze anos, minha mãe foi diagnosticada com câncer e, mesmo com todos os tratamentos, não durou um ano. Eu ia todos os dias à igreja. Implorava para Ele curá-la. Minha mãe morreu acreditando Nele, enquanto minha crença morreu junto com ela. Eu acho que hoje pode ser que eu acredite um pouco.

— Rá, eu já acho que você nunca deixou de acreditar, só se escondeu por tristeza.

— Jéssica sempre ia à igreja — dizia eu a Paulo, enquanto pegávamos a Marginal Tietê. — Quando minha mãe faleceu de câncer, eu não aceitava e culpava Deus. Foi a Jéssica quem me disse: “*A gente acha estranho pessoas tão boas morrerem jovens, mas no fundo elas não morrem não. Elas estão bem, ao lado de Deus e ao lado de muitas outras pessoas que fizeram coisas boas. Sua mãe está em paz e quer que você também esteja.*” Por mais que tenhamos casado na praia, fora das tradições da igreja, ela sempre acreditou mais do que eu. Eu não sei ao certo, mas acho que estou sendo testado.

— Por quem? Por Deus? Acredita mesmo nisso?

— Então me diga em que eu devo acreditar, devido às circunstâncias? — Ele não respondeu nada e deu de ombros.

— Que tipo de teste, Rodrigo?

— Aí que está o ponto! — Eu me virei para olhar os carros passando.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Insistir

O táxi parou quase em cima da calçada da rua do escritório da Jéssica. Ela desceu às pressas e pagou ao motorista pela corrida.

Bruna observou a cena pela janela e rapidamente já estava do lado de fora para receber a amiga.

— Você não devia estar no aeroporto? — perguntou, vendo que ela não tinha malas quando o taxista partiu e a deixou apenas com a roupa do corpo e a bolsa.

— Eu pensei que ele tinha mudado. — Jéssica segurava o choro. — E ele mudou... para pior. Parecia que eu o conhecia por completo, mas ele mostrou o lado que mais assombrou. Ele está louco.

— O que aconteceu? — Bruna a abraçou e ela não se conteve, debruçou no ombro da amiga e começou a chorar. — Acalme-se!

Jéssica se soltou do abraço.

— Ele estava falando com outra pessoa sobre

salvar a vida de alguém, como se eu fosse morrer. Depois me falou sobre um sonho maluco e um homem, disse que eu tinha morrido e agora estava viva. Eu tive medo dele Bruna. Era como se ele quisesse acariciar primeiro antes de bater. — Ela fez um gesto confuso. — Disse que voltou no tempo para me salvar.

— Meu Deus, mas tem certeza disso? O Rodrigo não machucaria uma mosca.

— Uma vez, quando discutimos feio, ele disse que eu nunca seria de mais ninguém. Ou seria dele ou de mais ninguém. Eu sei que foi no calor do momento, enquanto estávamos com os nervos à flor da pele, até porque eu já falei muita coisa ruim. Mas deu medo.

— Nunca conheci um Rodrigo assim obcecado, mesmo com raiva, acredito que ele tenha bom senso.

— É o que eu acreditava também, mas o trabalho o deixou obcecado. Tornou-o frio e ele se deixou levar. Agora ele tem me tratado muito bem, com jantares, velas, viagens, como se acobertasse algo mais.

— E você falou para ele? Sobre...

— Falei, mas em um momento impróprio. Não esperei a reação dele. Disse em voz alta no meio do restaurante e saí.

— E o que você quer fazer agora? Parece que vocês dois estão meio conturbados.

— Não sei, amiga, mas primeiro, para me organizar, eu vou para minha mãe. Você pode me levar em casa para pegar algumas roupas?

— Tem certeza que é o melhor?

— Sim, quero que o dia passe, a poeira baixe e que estejamos falando coisa com coisa a partir de amanhã, como adultos.

— Tudo bem, vou aproveitar que o nosso gerente deu uma saída e aviso as meninas lá dentro.

Jéssica meneou positivamente e ficou do lado de fora mesmo. Em minutos Bruna apareceu e foram ao estacionamento.

Chegamos até a casa do Paulo e pegamos o carro dele. Ele me deu a chave e acenei gostando do seu gesto. Aceleramos alguns quarteirões até em casa.

— Me espere aqui — disse a ele.

Entrei em casa e a chamei por duas vezes. Silêncio. Fui até o nosso quarto e vi muitas portas do armário abertas e suas gavetas também. Grande parte vazias. Por sobre a cama, uma folha de caderno. Um nó era formado em minha garganta.

Sentei-me lentamente na cama, como se o meu corpo estivesse pesado. Peguei a folha e comecei a ler.

“Fomos um casal perfeito. Não sei ao certo quando isto mudou, mas sei que ambos somos culpados. Não é hora para arrependimentos, nem desculpas. Vivemos esse sentimento de formas imensas e intensas. Um amor que nem mesmo o tempo pode contra... assim era o que eu pensava, mas o tempo nos desgastou e nos sufocou, quase nos matou. O amor não acaba. O amor de verdade nunca morre, mas acredito que fomos reféns do ‘felizes para sempre’. Obrigada por fazer eu me sentir especial um dia, não muito tempo atrás, quando o que era nosso era realmente importante aos nossos corações.”

Na folha, pingaram gotas de lágrimas que se

espalharam por algumas linhas. Eu estava fraco até para erguer a cabeça. Tão fraco que a folha escorregou das minhas mãos e olhei para ela no chão, no meio dos meus pés.

T.A.A.V.

Vi aquela assinatura no final do texto. No fundo, eu podia deixar de lado, afinal, ela sobreviveria. Arrumaríamos um jeito de criar nosso filho ou filha e tudo ficaria bem como teria que ser, no modo que podíamos.

Uma criança. Meu sonho de ser pai. Brincar com a minha criança pelos parques, presentes em dias especiais, chocolates, montar árvore de Natal, pintar seu rosto na Páscoa. E tudo isso que eu mais sonhava ao lado da Jéssica. Salvá-la então vinha com um pacote: meu filho e a separação. Não era tão ruim, visto que podia ser pior.

— Cara, é isso? — Estava tão inerte em meus pensamentos que a voz do Paulo me arrancou e me trouxe de volta. Ele estava parado na minha frente com a folha na mão — Vai desistir?

— Talvez seja melhor! — Abaixei a cabeça de novo. — Assim ela vive. Todos vivem e todos

ficam bem. Você, eu, ela e o bebê.

— Como pode pensar assim? — Ergui uma das sobrancelhas. — Não foi você quem disse que estava sendo testado? O teste é esse? Desistir achando que assim ela vive e é o melhor para todo mundo? Você vai é matar a todos assim.

Estranhei aquele pensamento dele, não queria me aprofundar muito, devido a dor que eu sentia, mas deixei que ele continuasse aquele desabafo.

— Vão viver, mas não juntos. A criança nasce sem o pai por perto, sem os dois em casa a educando para esse mundo cheio de sujeira, para que ela seja responsável e não uma inconsequente que tem os pais separados que a largam com a avó, que ela entra no mundo das drogas, tendo várias oportunidades falhadas em cometer suicídio até se colocar no lugar...

Ele respirou ofegante. Paulo trouxe sua vida à tona enquanto tomava um pouco da minha como exemplo.

— Olhe, Rodrigo, só tenho 28 anos, mas vai por mim, você não quer ficar aí sentado, imaginando como seria amar a mulher dos seus filhos. Você já

desistiu do emprego, agora vai desistir dessa batalha? Quando se torna frequente, vira rotina e é difícil de largar!

— Largar o quê?

— O hábito de desistir!

Tomei fôlego. Aquelas palavras haviam me inspirado. Há quanto tempo não tinha alguém assim, de fora do meu relacionamento, que realmente se importava comigo? Marcelo era um cara assim, era alguém que conhecia cada expressão minha. Paulo não. Ele havia sentido na pele a ausência dos pais, de quase perder tudo para as drogas e ainda tentar o suicídio. No fundo, ambos estávamos destinados a mudar nossas vidas. Ele por me ajudar e eu por insistir.

Levantei-me depressa da cama e ele se assustou, pego de surpresa.

— Quando eu acordei hoje, a única coisa que eu queria era fugir do que podia acontecer. De começar algo novo, do zero. Mas não dá para fugir da realidade. Independente de perder ou ganhar, obrigado por abrir meus porões. A luta é sempre imprescindível para quem quer ser e fazer melhor.

— Passei por ele e o chamei: — Vamos? Pelo que percebi na garagem, estou sem carro e o seu está na rua ainda quente.

Declarar

Fui dirigindo o carro do Paulo, já que eu sabia o caminho da casa da mãe da Jéssica, meu palpite de onde ela poderia ter ido. Entretanto freei bruscamente.

— Paramos...?

— Eu não sei o motivo ainda — respondi ao Paulo, que ficou confuso pela freada e eu muito mais ainda. — Só que sinto que devemos passar em outro lugar primeiro.

— O que estamos esperando, Romeu? Seu coração e seu pé que mandam!

Assim, voltei a dirigir, virei a primeira rua a direita, pegando alguns atalhos para chegar ao escritório da Jéssica. Havia passado pela minha cabeça que ela não podia sair sem antes falar com a sua melhor amiga.

E acertei. Paramos o carro antes de uma Amarok cinza, que era o meu carro.

— Espere aqui no carro! — pedi a Paulo, que obedeceu sem pestanejar. — E, independente do que acontecer, obrigado!

Estendi minha mão a ele e nos cumprimentamos.

— Eu que agradeço, Rodrigo!

Entendi o quanto estávamos nos ajudando. E, no momento em que desci do carro do Paulo, Jéssica e Bruna apareceram caminhando para o meu carro. Não demorou nada para que elas percebessem a minha presença. Jéssica se retraiu.

— O que está fazendo aqui? — ela me perguntou tão fria e seca que senti uma pontada no coração, mas mantive a postura resistente.

— Imaginei que passaria aqui antes de ir para a sua mãe. — Ela parou como se pensasse em como eu sabia daquilo. — Suas coisas não estavam lá!

— É! — disse com indiferença.

— Podemos conversar?

— Já não estamos?

— Amor, por favor... — ela olhou para a Bruna, que entendeu o recado e foi caminhando para o escritório.

— Quem está no carro? — Ergueu a cabeça para ver melhor.

— O nome dele é Paulo!

— O HB20 vermelho, é claro... — ela se lembrou do meu pedido da placa do carro e as especificações que tinha lido. — Seu doente, o que está pensando hein?

— Só quero nosso bem.

— Eu quero que você me explique agora toda essa história e me dê um motivo, apenas um, para não ir embora e achar que você continua o mesmo que não ligava mais para o nosso casamento!

— Sua carta já vale como um bom motivo!

— Como assim?

— Você deixou explícito que ainda me ama!

— Ah... — Ela paralisou. — A gente se desgastou! Muitas brigas!

— Não viu que estou mudando? Só porque não deu certo a nossa viagem...

— Não se trata disso...

— Eu sei que não, me perdoe por assustá-la com esse assunto... Você está grávida. Nosso maior

sonho se concretizando. — Andei até ela. — Cometemos erros, mas o que se perde pode ser reencontrado quando queremos. Podemos ser felizes de novo!

Ela passou a mão pela barriga acariciando-a e não pude conter o desejo de fazer o mesmo. Parei de frente para ela e a minha mão tocou a sua. Nós nos olhamos.

— Nosso filho precisa de nós... e eu... eu preciso de você. Do que você precisa?

Ela voltou a olhar para a minha mão por cima da dela e depois me olhou com os olhos mergulhados em lágrimas.

— Preciso de vocês dois!

Ela tocou meu rosto e eu a puxei, trazendo seus lábios ardentes nos meus, enquanto lágrimas se misturavam ao beijo. Eu a tinha de volta. Era a certeza que eu mais possuía naquele instante. Não existia mais a rua, carros, as pessoas ao redor, os prédios e os escritórios. Apenas nós! Por um segundo, jurei ter aberto um dos olhos e me ver ao lado da Jéssica em uma dimensão toda esverdeada, repleta de pássaros que assoviavam um canto lírico.

Quando dei por mim, estava sonhando acordado, deslumbrado pelo beijo de amor que tínhamos dado.

— Seremos felizes de novo? — ela perguntou com um sorriso de ponta a ponta.

— Claro, amor. Como nunca fomos!

Paulo, de dentro do carro sorria, e Bruna, encostada na porta do escritório, fazia o mesmo, abobados pela cena.

— *Me desculpe*, amor. Tive pensamentos horríveis sobre você. A Bruna me acalmou, ela me levou para tomar um café e conversamos. Falamos de coisas boas e ela me mostrou um caminho.

— Não se preocupa. Também tive um bom mentor.

Acenei para o Paulo sair do carro. Ele caminhou até nós, mas por um bom tempo seu olhar fisionômicou o de Bruna. Eles ergueram as sobrancelhas e seus sorrisos se estamparam mais.

— Paulinho? — Eu e Jéssica nos olhamos e demos de ombros.

— Bruninha? Meu Deus! — Ele a olhou dos pés à cabeça. — Como você cresceu!

Paulo passou por nós como se fôssemos invisíveis e abraçou a Bruna.

— Uau, digo o mesmo! Como está a sua avó?

— Cada dia lembrando menos das coisas. — Eles sorriram saindo do abraço e, quando se deram conta, estavam de mãos dadas e olhando para nós. — Erm... eu e a Bruninha aqui nos conhecemos no ensino fundamental, em séries diferentes e eu sempre fui o tranqueira.

— E eu a que sentava na frente.

— Aí um dia, calhou de ter uma gincana na escola e participarmos juntos. Deu em uma boa amizade, mas quando mudei de casa e de escola, perdemos contato.

— Que mundo pequeno! — eu falei. — Bruna, melhor amiga da minha mulher, e Paulo, pode ser um segundo melhor amigo meu. Não tem como acontecer nada de pior. Já tenho tudo o que preciso aqui!

Sorri para a Jéssica e o Paulo e a Bruna se juntaram a nós.

— Eu *te* amo além da vida!

— Eu também *te* amo, amor, além da vida —

disse Jéssica.

— A vontade de Deus! — disse, como se brindássemos aquilo.

— Hoje você acredita? Em Deus?

— Eu acredito que o amor faz a gente voar. Podemos cair, desacreditar e, muitas vezes, nos enganar, mas o amor, quando é verdadeiro, faz a gente voar sem medo de cair.

— Mas meio que caímos!

— Sim, amor, caímos para voar!

Nesse instante, eu estava em paz. Meu porto seguro estava ao meu lado e as pessoas que queriam nosso bem também. Eu não desejava mais nada além.

Olhei para o céu e vi um sol relutante em querer aparecer. Agradei. Agradei Àquele que pairava em meus pensamentos nas últimas horas. Agradei a Ele pela paz que me proporcionava, pelo tempo que me deu para consertar o amor e a vida e por salvar as pessoas que me importo.

E, naquele mesmo instante em que o céu parecia me responder com o sol aparecendo, eu caí. Foi como uma dor forte na minha cabeça. Algo

PERIGOSAS ACHERON

repentino. Uma pontada cruel.

Jéssica se assustou e, na tentativa de me pegar, ela quase caiu, o Paulo e a Bruna nos seguraram. Eu desmaiei e minha última visão foi do céu e da Jéssica, ambos lindos, mas eu sabia que mais uma vez, ela tinha ganhado do céu no quesito beleza.

Voar

— Bom dia, bela adormecida!

Uma voz rouca me despertou e a claridade nos meus olhos quase me cegou. Procurei me acostumar com a visão, mas a luz era forte e branca.

O local era indefinido. Tudo branco. Eu não sabia que horas eram, onde eu estava, como fui parar ali, muito menos por que vestia roupas brancas. Eu só estava ali e, de frente para mim, um senhor sem queimaduras no rosto, também de roupas brancas e cabelos arrumados em um chapéu elegante. A versão mais limpa do misterioso velho.

— Seja bem-vindo!

— Onde estou? — Eu estava bem, sem dores na cabeça e em nenhuma região do corpo. O ar era calmo. Parei mais para observar aquela imensidão de branco. — Não me diga que eu...

— O que você acha?

— Eu... eu estava lá na calçada com a Jéssica. Estava... estava tudo bem! Tinha dado tudo certo. — Eu sorria com olhos cheios de lágrimas. — Eu a salvei. Salvei a nós e ao nosso filho!

— Filha! — Franzi a testa. — É uma menina, Rodrigo. E muito bonita, por sinal!

— O... o quê? — Meu coração tinha batido em um iceberg. — Há... há quanto tempo eu...

— Vai fazer um ano!

Eu estava morto? Virei de lado como se procurasse para onde olhar e encontrar novamente a Jéssica e os outros, e... minha filha. Mas a única coisa que eu podia ver, era a claridade, como se quisesse clarear a mim mesmo.

Voltei a atenção ao velho.

— Você é um anjo?

— Sim, Rodrigo. Há milhões de anos eu vejo pessoas morrerem e deixarem seus sonhos ao véu. Tanta coisa quebrada por falta de crença, por falta de fé. E pessoas boas. Mas você, Rodrigo, você me aguçou mais do que qualquer humano.

— O que quer dizer? Que eu fui seu teste?

— Não! Você sempre teve o poder nas mãos para
PERIGOSAS ACHERON

mudar a vida de quem quisesse.

Como em um passe de mágica, uma área branca se converteu em uma imagem do tamanho de uma televisão de 60 polegadas e, ali, eu via uma criança. Eu me via em flashes.

— Aos seis anos você viu a primeira briga dos seus pais e se meteu no meio colocando ordem na casa. Chamou a polícia e seu pai foi preso por agressão, mas você mesmo, aos quinze, o perdoou quando sua mãe faleceu. Aos nove, começou a trabalhar em um local de frutas e verduras, apenas para sustentar a casa e ainda tinha os estudos para se preocupar. Aos quinze já era um adolescente inteligente que não se ligava para a moda dos outros nem ia em seus encalços. Você já era um adulto. Mudou a vida da sua mãe, dos seus amigos... mas se esqueceu da sua por muito tempo.

Agora eu via a mim, um adulto trabalhando rigidamente em um escritório, sozinho. E minha barba crescia, apareciam fios de cabelos brancos, uma barriga enorme, óculos de grau e, por fim, eu estava com a cabeça baixa em meio a pilhas de documentos.

— Querer sustentar a família veio de você logo cedo. Tão cedo, que morreria fazendo isto. Sabe, Rodrigo, as pessoas falam de livre arbítrio como se não fosse nada, assim como falam o nome Deus em vão. A vontade de Deus é maior, mas as escolhas ficam por conta de vocês. Eu não podia preveni-lo desses acontecimentos. É o círculo da vida. Mas eu não podia deixar uma alma tão boa como a sua, ferir inconscientemente outras almas, além da própria. As pessoas se magoam, se machucam, mas sofrer não. O sofrimento é a causa de toda amargura do mundo. E você sofria.

— Dentre todos, sou o que menos acredita. Por que eu?

— Você tem mais crença aí do que os que se dizem crentes. Quando você pousou as suas mãos sobre as da Jéssica, no hospital e declarou todas aquelas sinceras palavras, por alguém que você só tinha uma vaga ideia que amava, mostrou sua fé. Você tinha fé em algo que achava e tinha fé nela e também em você. Você tinha fé no amor e, automaticamente, é a crença mais pura que abre os portões para todas as outras e cura as mais diversas

deficiências.

— Então eu mudei tudo, sacrificando a mim mesmo para manter as pessoas que eu amo bem! — refleti.

— E acredita que foi uma escolha errada?

Eu olhei para ele e, como se lesse meus pensamentos, as imagens se alteraram e parecia que estávamos voando por São Paulo. Passamos pela Ponte Estaiada e depois por uma Avenida Paulista sem movimentos, até chegarmos no telhado de uma casa. Ali, entramos e eu vi uma mãe. Jéssica estava no chão da sala de casa com uma porção de brinquedos espalhados. No meio da bagunça, ela se deparou com uma foto. Seu rosto expressou alegria. Na foto, eu e ela estávamos sorrindo. Era a ampliação de uma 3x4 com fundo branco.

Eu vi mãos pequenas se aproximarem dela.

— Ow, meu amor, venha aqui!

Jéssica pegou a bebê no colo. Ela era tão linda. Lágrimas escorreram tão inusitadas pelo meu rosto que senti cócegas, e foi impossível barrá-las. Ela tinha cinco meses. Tão inocente e tão maravilhosa.

— Papa! — disse, apontando para a foto!

— O que foi que você disse, meu amor?

Ela sorria sem dentes. Aquela sim era uma visão do paraíso.

— Você disse “papa”? — Jéssica estava admirada. — Sério mesmo que sua primeira palavra aos cinco meses será “papa”?

Ela sorria ao lado da criança enquanto eu sorria do outro lado.

— É o papai sim, meu anjo! — Ela abraçava e beijava a criança! — É o melhor homem do mundo! Você pode não ter conhecido ele, mas ele estará...

— ...*Sempre com vocês duas!* — disse por cima da voz dela.

Jéssica olhou para os lados como se tivesse ouvido algo. Eu tapei minha boca e olhei para o anjo. Ele nada disse, apenas acenou com a cabeça para que eu prosseguisse.

Pisquei meus olhos e estava na sala de casa. Abaixei para tentar tocar em uma boneca no chão, mas minha mão passou por ela.

Jéssica ainda parecia atenta a algo, mas não me via.

— Papa! Papa! — repetia a criança descontroladamente.

— Sim, filha. — Jéssica voltou à atenção para a menina e a soltou no chão.

Ela veio engatinhando até mim e parou a milésimos do meu rosto. Eu levei minha mão até seu rosto e pude tocá-lo. Sim, eu senti a leveza da sua pele. Era um olá e um adeus.

Quando Jéssica se levantou, ela jurou ter visto um vulto branco sair de perto da filha. Ela pegou a menina nos braços e viu que, em meio aos brinquedos, tinha um pedaço de papel de caderno bem pequeno com as letras:

T.A.A.V.

— *Te amo além da vida.* — Ela leu e seus olhos ficaram vermelhos. Ela tinha sentido a presença do Rodrigo ali, ao lado dela e da filha. Ela sorriu em meio às lágrimas e beijou a pequena, que disse pela última vez “papa”.

Eu não estava mais lá. Tinha cumprido minha
PERIGOSAS ACHERON

missão. Eu estava em paz e tinha deixado as pessoas que mais amava em paz também.

Epílogo

Após minha morte ou sacrifício, que é bem mais bonito, Jéssica encontrou forças nas amizades de Bruna e Paulo para continuar firme na gravidez e na vida.

Nossa filha, batizada de Isabel, que na origem bíblica vem de “dedicada a Deus”, cresceu em meio ao amor de uma mãe viúva e um casal de padrinhos que se casaram quando a pequena completou um ano. Bruna e Paulo tinham um amor que com certeza fazia Jéssica se lembrar todos os dias do nosso, pois ela sorria a todo momento quando os via juntos, chorava e torcia por eles. Ela acreditava que, se Bruna nos apresentou e tínhamos dado tão certo da nossa forma, por que não eles da forma deles?

Sua mãe era um doce com a neta e, em vários desabafos com a filha, chorava em dizer o quanto lamentava não ter aceitado nunca o nosso relacionamento e o quanto me amava como um

PERIGOSAS ACHERON

filho que nunca teve. Jéssica perdoou a mãe, assim como eu tinha perdoado, um dia, meu pai ausente.

Falando em pai ausente, ele apareceu em meu enterro, junto com tantas outras pessoas. Ele chorou nos braços da Jéssica.

Marcelo foi meu grande amigo de anos e anos de lutas. Ele fechou a empresa por uma semana como forma de luto, pagando todos os funcionários de forma honesta. Mesmo quase quebrando a banca, ele insistiu para Jéssica vender as ações que eram minhas da empresa. Ela insistiu a ele que não e viraram sócios.

Hoje, um ano e meio após meu sacrifício, Marcelo, Jéssica, Paulo e Bruna trabalham juntos, em um ambiente totalmente familiar, enquanto muitas vezes na semana a minha linda filha Isabel fica com a sogrona e, de vez em quando, vai trabalhar com a mamãe.

Eu meio que me tornei um anjo da guarda de todos eles.

Jéssica mantém em sua mesa aquele retrato de madeira com nossa foto de Paraty. E, ao lado, as siglas T.A.A.V. que significam: “Te Amo

Além da Vida”. No dedo anelar esquerdo, nossa aliança de casado a acompanha.

Um amor que nem mesmo o tempo pode ir contra!

Curiosidades sobre o autor e a obra “Cair para voar”

1 — A segunda edição do livro foi reescrita e ganhou capítulos e trechos inéditos;

2 — O romance “Cair para Voar” saiu de um pequeno texto homônimo que foi publicado no extinto blog do autor no dia 24 de setembro de 2012;

3 — O autor também escreve ficção científica e promete fazer história com sua trilogia: “O Guerreiro das Estrelas”;

Romances virão como a beleza da natureza aos olhos dos seus leitores.

Entre em contato com o autor:

Email: escritor.flaviogalindo@gmail.com

Facebook:

<https://www.facebook.com/flavio.galindo>

Page

do

e-book:

<https://www.facebook.com/CairParaVoar>